

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM  
CULTURAS POPULARES**

**IBERNON ALVES DE MACENA JUNIOR**

**PATRIMONIALIZAÇÃO E POSSIBILIDADES DE SALVAGUARDA DAS  
BONECAS DE PANO DE NOSSA SENHORA DAS DORES/SE**

SÃO CRISTÓVÃO

2023

**IBERNON ALVES DE MACENA JUNIOR**

**PATRIMONIALIZAÇÃO E POSSIBILIDADES DE SALVAGUARDA DAS  
BONECAS DE PANO DE NOSSA SENHORA DAS DORES/SE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Culturas Populares da Universidade Federal de Sergipe como requisito à aprovação e obtenção do título de Mestre em Culturas Populares.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Daniella Pereira de Souza Silva**

SÃO CRISTÓVÃO  
2023

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

M141p

Macena Júnior, Ibernnon Alves de.  
Patrimonialização e possibilidades de salvaguarda das bonecas de pano de  
Nossa Senhora das Dores / Ibernnon Alves de Macena Júnior; orientadora  
Daniella Pereira de Souza Silva. - São Cristóvão, SE, 2023.  
94 f.: il.

Dissertação (mestrado Interdisciplinar em Culturas Populares) –  
Universidade Federal de Sergipe, 2023.

1. Cultura popular. 2. Artesanato. 3. Patrimônio cultural. I. Silva, Daniella  
Pereira de Souza, orient. II. Título.

CDU316.7

**IBERNON ALVES DE MACENA JUNIOR**

**PATRIMONIALIZAÇÃO E POSSIBILIDADES DE SALVAGUARDA DAS  
BONECAS DE PANO DE NOSSA SENHORA DAS DORES/SE**

ATA

**APRESENTAÇÃO EM:**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Daniella Pereira de Souza Silva  
Orientadora  
(PPGCULT-UFS)

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Germana Gonçalves de Araújo  
1<sup>a</sup> Examinadora  
(PPGCULT-UFS)

---

Dra. Flávia Klausing Gervásio  
2<sup>a</sup> Examinadora  
(IPHAN/SE)

SÃO CRISTÓVÃO  
2023

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao universo pela oportunidade de realizar este trabalho e por ter renovado as minhas forças sempre que achei que não iria concluir esta jornada. Aos meus amados pais, Dalva Roberta de Oliveira e Ibernon Alves de Macena (in memoriam), os quais serviram de inspiração nas minhas escolhas e contribuíram para a realização de cada conquista.

Aos meus irmão e irmãs, Anuzia Macena (in memoriam), Antônio Aragão, Adelina Aragão, André Oliveira, José Luís e Adriano Oliveira pela compreensão de como sou e do meu jeito de amá-los.

Aos familiares, avós, tios, tias, sobrinhos (as) e primos (as) pelo apoio que me dedicaram.

A minha orientadora Daniella Pereira de Souza Silva que acreditou na minha capacidade e muito dedicou-se nos momentos em que necessitei de orientação, hoje a considero um exemplo para minha carreira.

Aos professores do PPGCULT, que contribuíram com a minha formação, e aos funcionários do programa, sempre tão solícitos.

Sou grato também aos meus colegas de caminhada, turma 2021/PPGCULT, com quem compartilhei descobertas, questionamentos, e bons momentos de aprendizado.

Sou grato aos meus ex professores e professoras de todos os níveis de ensino.

Aos amigos e amigas os quais homenageio citando um grande incentivador da cultura dorense e deste estudo Ari Pereira.

A todos que fizeram parte desta minha caminhada a minha eterna gratidão.

## RESUMO

No ano de 2018 as bonecas de pano de Nossa Senhora das Dores ganharam destaque ao serem declaradas como patrimônio imaterial do município. Elas espelham a cultura local e o cotidiano nordestino, sendo que as suas criadoras, conhecidas como bonequeiras, comercializam-nas mediante encomenda ou para ampliar a renda pois costumam participar das diversas feiras de artesanato, momentos nos quais promovem as bonecas. Neste sentido, a presente pesquisa objetivou verificar como ocorreu o processo de Patrimonialização e quais são as possibilidades de salvaguarda das bonecas de pano de Nossa Senhora das Dores/Se. Assim, foi fundamental compreender o contexto no qual a cultura popular surgiu e se firmou, fortalecendo várias manifestações artísticas, entre elas o artesanato, para em seguida avançarmos um pouco mais na relação entre artesanato e patrimonialização, tomando como referência o bem imaterial municipal que são as bonecas de pano. Investiga-se também se ou como, a patrimonialização em escala federal influencia no processo patrimonializador na escala municipal. A pesquisa é do tipo qualitativa e de natureza exploratória e descritiva. As categorias de análise são cultura popular; artesanato; patrimônio imaterial; patrimonialização e bonecas de pano; categorias estas que nortearam o levantamento bibliográfico e documental. Também foram coletados dados por meio de entrevistas com as bonequeiras, além de alguns atores envolvidos neste processo, bem como com a população, de maneira aleatória e não probabilística. Constatamos que a patrimonialização das bonecas de pano, para além da riqueza de significados culturais já existentes, ocorreu à revelia das etapas que orientam o processo de patrimonialização em escala nacional e estadual; que não resultou de fato na maior apropriação destas bonecas pelos moradores; que não fez das bonecas de pano um ícone de maior visibilidade capaz de se firmar como diferencial do município de Nossa Senhora das Dores. Além disso, a patrimonialização não se traduziu em ações concretas de salvaguarda deste patrimônio, e tampouco contribuiu como um bem capaz de fortalecer, por exemplo, a oferta turística do município.

**Palavras-Chave:** cultura popular; artesanato; patrimônio imaterial; patrimonialização; bonecas de pano.

## ABSTRACT

In 2018, the rag dolls of Nossa Senhora das Dores gained prominence when they were declared an intangible heritage of the municipality. They reflect the local culture and daily life of the Northeast, and their creators, known as dollmakers, sell them to order or to increase their income as they usually participate in various craft fairs, moments in which they promote the dolls. In this sense, the present research aimed to verify how the Heritageization process occurred and what are the possibilities for safeguarding the rag dolls of Nossa Senhora das Dores/Se. Thus, it was essential to understand the context in which popular culture emerged and established itself, strengthening various artistic manifestations, including handicrafts, so that we can then advance a little further in the relationship between handicrafts and patrimonialization, taking as a reference the municipal intangible assets that are the rag dolls. It is also investigated whether or how patrimonialization on a federal scale influences the patrimonialization process on a municipal scale. The research is qualitative and exploratory and descriptive in nature. The categories of analysis are popular culture; craftsmanship; intangible heritage; patrimonialization and rag dolls; These categories guided the bibliographic and documentary survey. Data were also collected through interviews with the puppeteers, as well as some actors involved in this process, as well as with the population, in a random and non-probabilistic manner. We found that the patrimonialization of rag dolls, in addition to the richness of existing cultural meanings, occurred despite the steps that guide the patrimonialization process on a national and state scale; which did not actually result in greater appropriation of these dolls by residents; which did not make rag dolls a more visible icon capable of establishing itself as a distinguishing feature of the municipality of Nossa Senhora das Dores. Furthermore, patrimonialization did not translate into concrete actions to safeguard this heritage, nor did it contribute as an asset capable of strengthening, for example, the municipality's tourist offer.

**Keywords:** designating cultural heritage; handicraft; intangible heritage; popular culture; traditional rag dolls.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa de Sergipe destacando Nossa Senhora das Dores	17
Figura 02 – Imagens do Programa Giro Sergipe dedicado à Renda Irlandesa	45
Figura 03 – Contraste entre a Renda Renascença e a Renda Irlandesa de Divina Pastora/SE.	46
Figura 04 – Modo de Fazer as Bonecas Karajá (Ritxòkò)	48
Figura 05 – We'e'ena e as Bonecas Tikuna	51
Figura 06 – Divulgação das Bonecas Tikuna	52
Figura 07 – Capa do Catálogo Horganza	56
Figura 08 – Bonequeiras no Festival da Gastronomia	57
Figura 09 – Bonecas de pano representando as manifestações religiosas	58
Figura 10 – Processo de criação de uma boneca	61
Figura 11 – Espaço reservado à exposição do artesanato local	71

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADL – Academia Dorense de Letras

APES – Arquivo Público do Estado de Sergipe

ASDEREN – Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora.

ASDRIN – Associação das Rendeiras Independentes de Divina Pastora.

BICEN – Biblioteca Central.

CPC – Centro Popular de Cultura.

CNFL – Comissão Nacional de Folclore.

CNFCP – Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.

CREAS – Centro de Referência Especializado de Assistência Social.

CRESPIAL – Centro Regional para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da América Latina.

FAPEG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás.

FCFS – Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe

FUNCAP – Fundação de Cultura e Arte Aperipê de Sergipe.

FUNCAJU – Fundação Cultural de Aracaju

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IBDF – Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal.

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

MBF – Movimento Folclórico Brasileiro.

MCP – Movimento de Cultura Popular.

RI/UFS – Repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

SCIELO – Biblioteca Eletrônica Científica Online.

SPI – Serviço de Proteção ao Índio.

UFS – Universidade Federal de Sergipe.

UNE – União Nacional dos Estudantes.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas (SP)

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. PERCURSO METODOLÓGICO.....	16
2.1 Caracterização da Área de Estudo.....	16
2.2 Caminhos da Pesquisa.....	18
2.3 Instrumentalização da Pesquisa.....	20
3. A IMPORTÂNCIA DAS CULTURAS POPULARES E DA TRADIÇÃO NO FAZER ARTESANAL.....	25
3.1 Fios da “Descoberta” da Cultura do Povo.....	25
3.2 Tecendo os Fios da Cultura Popular e da Pesquisa em Sergipe.....	30
4. ARTESANATO E A REPRESENTAÇÃO DA CULTURA POPULAR.....	37
4.1 O Artesanato na História.....	37
4.2 A Patrimonialização do Artesanato.....	41
4.3 Renda Irlandesa de Divina Pastora.....	44
4.4 Bonecas Karajá.....	47
4.5 Síntese dos Caminhos percorridos para a Patrimonialização.....	48
5. BONECAS DE PANO ENQUANTO REFERÊNCIA NA CULTURA POPULAR.....	51
5.1 Bonecas de Pano Tikuna como Símbolo de Preservação.....	51
5.2 Bonecas de Pano de Nossa Senhora das Dores/SE.....	53
5.3 Patrimonialização das Bonecas de Pano de Nossa Senhora das Dores...61	
6. ESTRATÉGIAS DE SALVAGUARDA DA CULTURA POPULAR.....	65
6.1 O Imaterial como elemento demarcador da salvaguarda.....	65
6.2 Salvaguarda e o Estímulo à Produção Artesanal.....	67
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
BIBLIOGRAFIA.....	76
ANEXOS.....	82
APÊNDICE A.....	83

APÊNDICE B.....	90
APÊNDICE C.....	92
APÊNDICE D.....	94
APÊNDICE E.....	95

## 1. INTRODUÇÃO

A cultura popular é uma expressão rica e diversificada da identidade de um povo, que se manifesta na pluralidade das artes e tradições e, no caso de Sergipe, são nascidas das mais diversas influências que moldaram o estado ao longo do tempo.

As bonecas de pano do município de Nossa Senhora das Dores, localizado no sertão sergipano, são um exemplo dessa riqueza. A produção das bonecas de pano ganhou fôlego no município em 2002, ano em que teve início uma série de oficinas no Grupo Renovação<sup>1</sup>, nas quais os oficineiros (as) ensinavam (ou relembavam) para as senhoras participantes do grupo como fazer bonecas. Nota-se que as bonecas produzidas no município se assemelham às pessoas da região, pois são elaboradas com expressões faciais bem definidas, assim como vestidas com roupas similares às utilizadas pela população no seu cotidiano.

As bonecas de pano de Nossa Senhora das Dores, também espelham a cultura local pois caracterizam dançarinas de samba de coco, de quadrilha, rezadeiras, capoeiristas e até santas. São cheias de representatividade e servem para presentear crianças e adultos.

As bonequeiras costumam participar de feiras de artesanatos e/ou festivais sobre a temática, bem como expõem suas obras artesanais no espaço do Departamento de Cultura do município, espaço esse que é aberto à visitação. Lá acontece a exposição de inúmeras peças artesanais de artistas locais. Em geral são as próprias bonequeiras quem comercializam seus produtos mediante encomenda com a finalidade de ampliar a renda familiar. Recentemente, a Secretaria Municipal de Turismo e Desenvolvimento Econômico firmou parceria com uma loja do comércio local para que as bonecas de pano e outros objetos produzidos pelos artesãos do município, pudessem ser comercializados por este estabelecimento como uma forma de dar maior visibilidade e oportunidade de vendas.

Apesar destas iniciativas, as bonecas de pano são pouco presentes no cotidiano dos dorenses. No ano de 2018, elas ganharam destaque municipal ao serem

---

<sup>1</sup> O grupo tem como objetivo promover um ambiente de lazer e interação para pessoas da 3ª idade e faz parte do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Secretaria Municipal de Assistência Social.

declaradas como patrimônio imaterial do município por meio de lei<sup>2</sup> aprovada na câmara municipal de vereadores e sancionada pelo poder executivo municipal. Porém, contraditoriamente, as bonecas não são apropriadas como patrimônio pelos dorenses. Não são encontradas à venda facilmente no comércio local; não são utilizadas como elementos decorativos ou convertidas em objetos utilitários, a exemplo do que faz dona Marluce das Bonecas, em Estância-SE, que associou as suas bonecas a pesos de porta, porta-papel higiênico, coberta de botijão de gás, etc. Os eventos em Nossa Senhora das Dores, exceto os específicos culturais, ainda não atribuem o reconhecimento às bonecas bem como o *site* oficial da prefeitura, tampouco faz alusão ao patrimônio reconhecido e declarado pelo próprio município.

Neste sentido, alguns questionamentos foram levantados sobre esse objeto de estudo, os quais estão expressos em perguntas como: 1) Foram realizados estudos sobre as bonecas de pano e sua representatividade na sociedade dorense, que resultasse em um dossiê de registro dos saberes de quem produz as bonecas de pano? 2) Que relevância têm as bonecas de pano para a cultura popular local? 3) Que lugar ocupam as bonecas no cotidiano e nas vivências dos habitantes de Nossa Senhora das Dores? 4) Como trabalham e quem são os sujeitos que se debruçam sobre o saber-fazer dessas bonecas? 5) Quais estratégias de salvaguarda são utilizadas pelos órgãos municipais para a manutenção da salvaguarda das bonecas de pano?

Nesse contexto, a patrimonialização das bonecas de pano, a princípio, surge como uma importante medida para valorizar e preservar essa tradição cultural. Dessa forma, esta dissertação tem como objeto verificar como ocorreu o processo de patrimonialização e quais são as possibilidades de salvaguarda das bonecas de pano de Nossa Senhora das Dores/Se. Para alcançar o objetivo geral, fez-se necessário traçar alguns objetivos específicos: Refletir sobre a relevância da produção artesanal das bonecas de pano para o fortalecimento da cultura popular em Nossa Senhora das Dores; Descrever de que forma ocorre a transmissão do saber das bonequeiras e quais usos e funções são atribuídas às bonecas de pano na atualidade; Investigar se foram propostas estratégias de salvaguarda mediante políticas públicas, capazes de estimular a apropriação e o vínculo dos moradores com este artesanato alçado à condição de patrimônio imaterial de Nossa Senhora das Dores.

---

<sup>2</sup> Lei MUNICIPAL Nº 326, de 23 de março de 2018. Declara como Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Nossa Senhora das Dores/SE Bonecas-de-Pano, e dá outras providências.

Meu interesse por este estudo surgiu ao constatar que as bonecas de pano haviam sido declaradas, por força de lei municipal, patrimônio imaterial do município. Costumo dizer que o embrião deste projeto foi gerado a partir de uma conversa descontraída, de um dia de encontro entre amigos. Certo dia, estava em Nossa Senhora das Dores, na companhia de Ari Pereira<sup>3</sup> que me mostrava as potencialidades culturais dorenses<sup>4</sup> em sua residência e a variedade de elementos me chamou a atenção. Estes transitavam desde a religiosidade, às belezas naturais, à culinária, às danças populares, bem como o artesanato produzido no município, seja em barro, madeira e tecido, neste caso destacaram-se as bonecas de pano.

A partir da contemplação das potencialidades municipais, percebi que as bonecas de pano poderiam ser um tema instigante a ser pesquisado na pós-graduação. Inspirado na famosa frase do Liev Tolstói (1828-1910) “Se queres ser universal começa por pintar a tua aldeia” sempre pensei em aprofundar-me na carreira acadêmica podendo evidenciar e colaborar com as temáticas relacionadas ao meu lugar de origem. Neste caso, o interesse passou a ser em compreender como ocorreu o processo de patrimonialização e quais são as possibilidades de salvaguarda das bonecas de pano de Nossa Senhora das Dores/Se. Entender se a patrimonialização das bonecas de pano influenciou na valorização da cultura popular local, entendendo-se patrimônio como sendo patrimônio cultural, pois esse é um conceito mais amplo e que abrange outros conceitos fundamentais como os de território, ambiente e antropologia, entre outros.

O estudo em que busca compreender como ocorreu o processo de patrimonialização e quais são as possibilidades de salvaguarda das bonecas de pano de Nossa Senhora das Dores/Se, se justifica por sua riqueza de significados culturais, e é por meio dele que buscamos entender e refletir a respeito dos caminhos percorridos no fortalecimento da cultura popular do país. Entendemos que patrimonializar é uma maneira de institucionalizar o bem cultural para resguardar e proteger elementos históricos, lúdicos, míticos, religiosos, culturais e etc. com o intuito de mantê-los vivos e presentes em uma determinada sociedade. A ação de dar a algo o *status* de

---

<sup>3</sup> Funcionário municipal atualmente lotado no departamento de cultura, membro da Academia Doreense de Letras e do Conselho do Idoso, já assumiu diversas pastas na gestão municipal, dentre elas Secretaria de Esportes e Lazer e Secretaria de Cultura.

<sup>4</sup> Gentílico referente ao município de Nossa Senhora das Dores/SE.

patrimônio é importante por fortalecer as conexões com a nossas histórias e memórias culturais e, conseqüentemente, com a da humanidade.

Aspirando mostrar como foram alcançados os objetivos propostos, no capítulo 2 será apresentado o percurso metodológico, bem como será descrita de maneira breve a cidade. Falar-se-á das potencialidades culturais que são capazes de chamar a atenção por haver diversidade de elementos que englobam desde a religiosidade com a presença forte do catolicismo, as letras e artes de diversos segmentos a exemplo das pinturas e a produção artesanal. Ainda neste capítulo detalhamos o uso das ferramentas metodológicas e o campo da pesquisa.

A partir do capítulo 3, buscamos compreender o percurso histórico do folclore e da cultura popular na Europa, América Latina e, finalmente, focando no Brasil. Iniciamos descrevendo os caminhos percorridos na Idade Moderna da Europa, baseado nos estudos de Burke (1989). Propomos também, a partir, da “descoberta” das questões ligadas ao folclore e à cultura popular no Brasil e em Sergipe dos séculos XIX, XX e XXI, refletir sobre como a tradição se constrói, se transmite, se faz importante e por quê.

O capítulo 4 trouxe uma reflexão sobre o surgimento do artesanato, sua função ao longo da história da humanidade, além de trazer dois exemplos de artesanatos enquanto referências culturais que foram patrimonializados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

O capítulo 5 apresenta o artesanato boneca de pano enquanto símbolo de preservação da identidade cultural de um povo, bem como, trouxemos uma síntese das entrevistas realizadas com os agentes envolvidos no saber fazer deste artefato produzido no município de Nossa Senhora das Dores/SE.

Já no capítulo 6, refletimos a respeito do significado de salvaguarda do patrimônio imaterial, também quais estratégias podem ser implementadas com objetivo de fortalecer, transmitir e promover a produção artesanal das bonecas de pano de Nossa Senhora das Dores.

## 2. PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo caracterizamos a área de estudo, retratando um breve panorama do município de Nossa Senhora das Dores. Detalhamos as etapas necessárias para a realização do estudo e como será instrumentalizada.

### 2.1 Caracterização da Área de Estudo

Outrora conhecido como Vila dos Enforcados, o município de Nossa Senhora das Dores, foi fundado em 11 de junho de 1859 a partir do seu desenvolvimento na produção de algodão, emancipando-se de Nossa Senhora da Purificação da Capela, atual município de Capela.

Localizado na microrregião do médio sertão sergipano (Leite e Alves, 2022), o município faz divisa a oeste com São Miguel do Aleixo e Ribeirópolis, ao norte com Cumbe e Feira Nova, à leste com Capela e Siriri e ao sul com Moita Bonita, Santa Rosa de Lima e Divina Pastora<sup>5</sup> (Figura 01). Sua extensão territorial é de 482,412 km<sup>2</sup>, possui 30 povoados e é banhado por duas importantes bacias hidrográficas, a do Rio Sergipe e a do Rio Japarutuba. A distância entre Nossa Senhora das Dores e a capital Sergipana é de 72,5 km.

Estima-se que a população de Nossa Senhora das Dores, em 2023, esteja um pouco mais de 26.957 habitantes, embasado nos cálculos de projeção divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. O índice de escolarização na população entre 6 e 14 anos é de 98,1%, o que representa que maior parte dessa população está matriculada e frequentando a escola, embora seja um bom resultado não reflete positivamente no Índice de desenvolvimento humano municipal - IDHM que é de 0,600, caracterizado como médio, este resultado é segundo o Censo 2010.

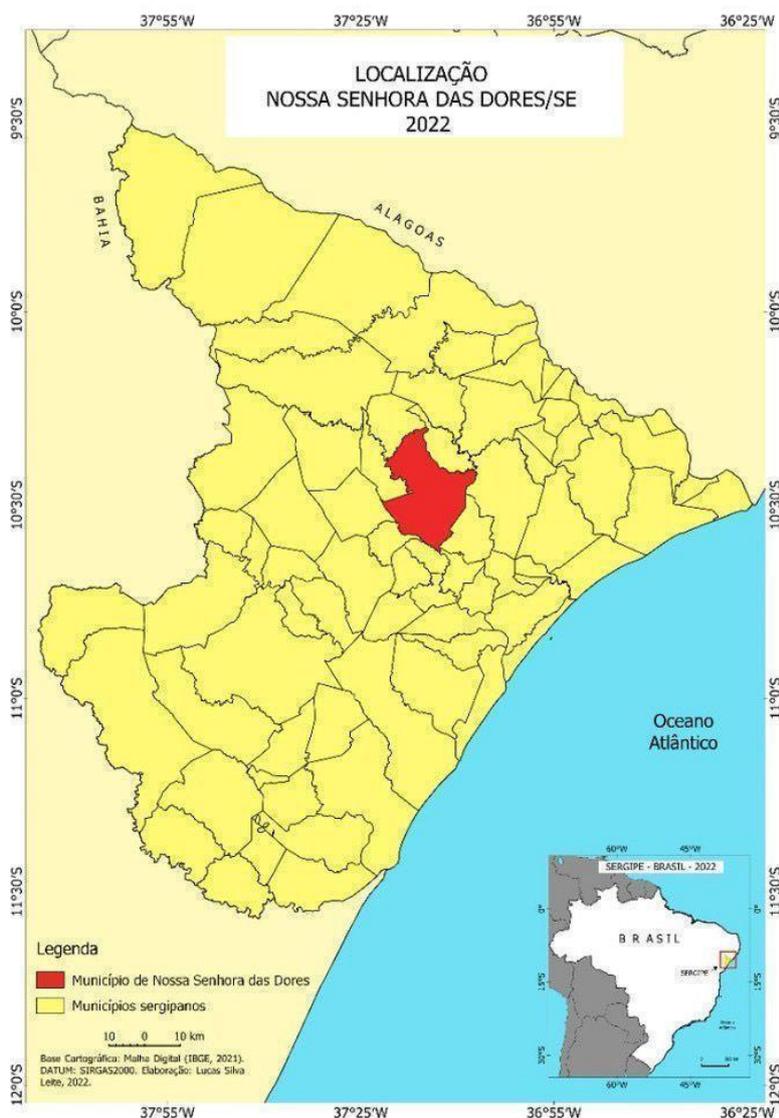
As potencialidades culturais dorenses chamam atenção por sua variedade de elementos que transitam em diversos aspectos, desde a religiosidade com a presença forte do catolicismo, uma vez que cerca de 91,5% da população se declarou praticante desta crença religiosa no censo de 2010, e que se traduz em uma série de manifestações culturais, especialmente no período da Semana Santa, com procissões variadas das quais destacamos a devoção das beatas do Madeiro, a tradição das

---

<sup>5</sup> Área da unidade territorial: Área territorial brasileira 2021. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

promessas feitas por homens ao vestir-se de Penitentes e os frequentadores do Cruzeiro do Século<sup>6</sup>. A figura 01 abaixo, apresenta o mapa de Sergipe com os municípios coloridos na cor amarela e o município de Nossa Senhora das Dores ganha destaque, dentre eles, com a cor vermelha.

**Figura 01** – Mapa de Sergipe destacando Nossa Senhora das Dores.



Fonte: DATUM SIRGAS 2022.

No município também há diversas publicações de livros de escritores locais, por meio de projetos encabeçados pela Academia Dorense de Letras (ADL) que incentivam

<sup>6</sup> Procissão que acontece na madrugada da Sexta Feira da Paixão, na qual os fiéis percorreram um trajeto de 5 km saindo da Igreja Matriz até o Cruzeiro do Século, lembrando os últimos momentos de Jesus Cristo.

a publicação de pessoas não membros, bem como membros da ADL. Nas Artes Plásticas destacam-se os ilustres Adauto Machado, Manuel Moura, Liliu e Hortência Barreto. Há também os que têm curiosidades por astros, planetas e sistemas galácticos que são integrantes do Clube Dorense de Astronomia - Órion. Na dança é forte a presença de grupos de capoeira e do samba de coco.

De tudo o que foi mencionado, o artesanato é o foco deste estudo. Em Nossa Senhora das Dores ele se destaca pela produção de rendas, bordados, fuxicos, crochês, que são a base para embelezar toalhas de mesa, toalhas de banho, conjuntos de banheiro, cortinas e roupas de cama. Porém, o destaque da produção artesanal vai para o único bem que foi patrimonializado pelo município, as bonecas de pano, que parecem miniaturas de pessoas a representarem o cotidiano da região. São inspirações para artistas locais, ao ponto de terem sido tema de livros, um deles é o da artista plástica Hortência Barreto<sup>7</sup> e, como mencionado anteriormente, estão sempre presentes em exposições artísticas e feiras de produtos artesanais e festivais sobre a temática.

## 2.2 Caminhos da Pesquisa

Apresentamos neste capítulo o descritivo da metodologia utilizada para a realização do estudo. Segundo Michel (2009, p.35), "pode-se entender metodologia como um caminho que se traça para se atingir um objetivo qualquer". É, portanto, a forma, o modo para resolver problemas e buscar respostas para as necessidades e dúvidas". A metodologia "é a maneira concreta como se realiza a busca de conhecimento".

No que se refere ao tipo, esta pesquisa classifica-se como qualitativa que de acordo com Michel (2009, p. 37) "não se comprova numérica ou quantitativamente, mas convence na forma da experimentação empírica, a partir de análise feita de forma detalhada, abrangente, consistente".

Quanto aos meios, esta pesquisa será classificada de duas formas: documental e de campo. Documental, pois buscou-se os marcos legais que regulamentam a patrimonialização disponível nas diferentes entidades federativas, dessa forma, pretendeu-se identificar informações que subsidiem a definição dos objetos. Lakatos e Marconi (2003, p. 183), defendem que a pesquisa documental "é a coleta de dados em

---

<sup>7</sup> BARRETO, Hortência. **Organiza**. Aracaju. Gráfica e Editora J. Andrade. 2009.

fontes primárias, como documentos escritos ou não, pertencentes a arquivos públicos; arquivos particulares de instituições e domicílios, e fontes estatísticas”. Também é classificada como pesquisa de campo porque foi a partir da observação *in loco* que foi possível coletar os dados primários.

A entrevista estruturada foi o instrumento utilizado para entrevistar as seis bonequeiras em atividade atualmente em Nossa Senhora das Dores, ou seja, foram entrevistadas 100% das bonequeiras com um roteiro específico para elas. Ainda utilizando a entrevista estruturada, foram entrevistados também o ex-vereador que propôs o projeto de lei que findou aprovado pelo poder legislativo e sancionado pelo poder executivo municipal. Da mesma forma, foram entrevistados três agentes públicos (secretários municipais; da cultura, da educação e do desenvolvimento econômico), os responsáveis pela salvaguarda deste bem imaterial.

A forma não estruturada foi utilizada para entrevistar duas pessoas, uma por ser gerente da loja que comercializa as bonecas de pano no município e a outra por haver sido uma das proponentes da ideia de produção do artesanato como parte das atividades do Grupo Renovação. Corroboramos com Michel (2009) quando ele afirma que pesquisa de campo é “apropriada para estudos de indivíduos, grupos, comunidades, organizações, sociedades, considerando que, para a pesquisa social, mais importante que encontrar soluções é explicar os fenômenos, entender realidades, criar significados sociais” (2009, p. 42).

Algumas das referências utilizadas nesta pesquisa são Renato Ortiz (1985), Peter Burke (1989), José Jorge de Carvalho (1991), Rodrigo Grunewald (1997), Sandra Lima (2001), Paz (2006), Petrônio Domingues (2011), Borges (2011), Eric Hobsbawm (2012), Durval Muniz (2013), Selma Baptista (2013), Dantas (2014), Tiago Paulino (2015), Regina Abreu (2015), José Reginaldo (2015), Cátia Luciane (2019), Araújo (2020), Andrade (2022), dentre outros autores que nos orientam na compreensão do fenômeno investigado.

Além dos autores mencionados, foram encontradas pesquisas, em forma de artigos, dissertações e teses que abordam a importância de bonecas de pano como por exemplo: o que versa sobre as *Bonequinhas da Sorte de Gravatá-PE*<sup>8</sup>, o que revela

---

<sup>8</sup> SILVA, Decilene Maria Santos Mendes da. As bonequinhas da sorte de Gravatá-PE, no contexto do processo folkcomunicação e do desenvolvimento local. 2011. 134 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

as *Bonecas de pano tradicionais no Rio Grande do Norte: contexto e obras*<sup>9</sup>, e o que apresenta a vida e obra de *Morena Teixeira: o fio da palavra e a tecitura da vida*<sup>10</sup>. No entanto, nenhum deles refere-se a processos de patrimonialização, sendo esta a motivação principal deste estudo, enfatizando este bem imaterial que são as bonecas de pano de Nossa Senhora das Dores/SE.

Por fim, quanto à natureza, a pesquisa é exploratória e descritiva. Exploratória, pois envolve o levantamento bibliográfico, e a realização de entrevistas com pessoas experientes no assunto objeto da pesquisa. Segundo Mattar (2001), alguns dos métodos utilizados pela pesquisa exploratória são amplos e compreendem: levantamentos em fontes secundárias, levantamentos de experiências, estudos de casos selecionados e observação informal. É também uma pesquisa descritiva porque “utiliza técnicas padronizadas de coleta de dados como o questionário e a observação sistemática” (DENCKER, 1998, p.124). Neste sentido nos propomos a catalogar e descrever as informações e dados colhidos a partir das entrevistas, o que possibilitará elucidar o fenômeno pesquisado. Na sequência, iremos abordar a instrumentalização da pesquisa.

### 2.3 Instrumentalização da Pesquisa

Para obter os elementos relevantes à realização da pesquisa, foram realizados os procedimentos a seguir:

- Pesquisa bibliográfica por meio da catalogação dos referenciais teóricos já examinados, como artigos científicos, dissertações, teses, livros, revistas eletrônicas, disponíveis tanto na Bicen quanto em sites web como o RI/UFS e o SCIELO. Nesta busca, nos preocupamos em conhecer e compreender, por intermédio das contribuições científicas, o que é a cultura popular, sua relação com o artesanato e quais mecanismos para a salvaguarda de um bem imaterial patrimonializado. Assim como, focamos nos estudos existentes que abordam a temática das bonecas de pano conforme mencionado no quadro 01, abaixo.

---

<sup>9</sup> FRANÇA, Cássia Michellyne Silva de. Bonecas de pano tradicionais no Rio Grande do Norte: contexto e obras. 2014. 62f. Trabalho de Conclusão de Curso - (Licenciatura em Artes Visuais) – Departamento de Artes, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

<sup>10</sup> Costa, Jairo José Campos da. *Morena Teixeira: o fio da palavra e a tecitura da vida*. / Jairo José Campos da Costa. – Maringá/Paraná, 2019.

### Quadro 1 – Levantamento dos estudos sobre as bonecas de pano

TÍTULO DA PESQUISA	OBJETIVO	PESQUISADOR (A)	TIPO DA PESQUISA /ANO
<b>Retalhos e linhas, tecendo nossas imagens: etnografia do artesanato de bonecas de pano no sítio Riacho Fundo – Esperança - PB</b>	Retratou a etnografia do artesanato de bonecas de pano no Sítio Riacho Fundo – PB, para compreender a expansão do artesanato da boneca de pano de Riacho Fundo, as mudanças e continuidades desse ofício a partir da memória e do coletivo dos artesãos.	Greilson José de Lima.	Dissertação - UFPE /2005
<b>As bonequinhas da sorte de Gravatá-PE, no contexto do processo folkcomunicação e do desenvolvimento local.</b>	Descreveu a bonequinha de pano costurada à mão que é símbolo da cidade de Gravatá, em Pernambuco. A pesquisa utiliza-se do olhar das lentes da folkcomunicação <sup>11</sup> para perceber os cenários, contextos e processos midiáticos que movem a produção, venda e interpretação dos significados adquiridos pela “Bonequinha da sorte de Gravatá”, bem como que tipo de contribuição ela possibilita para o desenvolvimento local	Decilene Maria Santos Mendes da Silva.	Dissertação - UFRPE /2011
<b>Um Estudo Ator-Rede sobre a boneca de pano: costurando narrativas de artesãs das cidades mineiras de Barbacena,</b>	Acompanhou a rede da boneca de pano e descreveu a controvérsia sobre o processo de extinção ou manutenção deste objeto, explorando o contexto de uma região específica de Minas	Roselne Santarosa de Sousa.	Dissertação - UFSJ/2012

<sup>11</sup> Teoria que estuda procedimentos comunicacionais em nível popular e foi criada pelo jornalista Luiz Beltrão na década de 1960.

<b>Antônio Carlos e São João Del-Rei.</b>	Geraias e as relações de tradução estabelecidas com a cultura lúdica e o trabalho de artesãs.		
<b>Bonecas de pano tradicionais no Rio Grande do Norte: contexto e obras</b>	Investigou as bonecas de pano tradicionais produzidas no Rio Grande do Norte, dos anos 1920 à época atual. Analisou o contexto de produção e circulação da boneca de pano, seus respectivos criadores e públicos, além das funções, técnicas, tipos e formas conferidas às obras.	Cássia Michellyne Silva de França.	TCC - UFRN/2014
<b>Morena Teixeira: o fio da palavra e a tecitura da vida.</b>	Contou a história de vida de Morena Teixeira e as contribuições artísticas ligadas ao campo do popular. A artista ensinou, transmitiu valores, promoveu o riso, bordou, pintou, desenhou, fez bonecas de pano, foi poetisa da vida de uma forma pretensamente singular e cheia de significados.	Jairo José Campos da Costa	TESE - UEM /2019

Fonte: Autoria Própria, 2022.

- Pesquisa documental, mediante documentos oficiais, os quais versam especialmente sobre políticas de patrimonialização de bens materiais e imateriais nas esferas municipal, estadual, nacional e internacional, como leis, dossiês, cartas e/ou recomendações internacionais da UNESCO, além de outros instrumentos legais e orientações. Essa investigação objetivou coletar elementos administrativos a respeito do reconhecimento da cultura popular como instrumento de fortalecimento da mesma.
- Realização da pesquisa de campo para a coleta de informações sobre o perfil das bonequeiras, a forma como aprenderam a produzir esse artesanato, suas

opiniões a respeito das funções e usos das bonecas na atualidade, além das suas sugestões para as estratégias de salvaguarda deste saber fazer.

- Foram entrevistados os representantes de órgãos governamentais do município para entender quais são as estratégias de salvaguarda realizadas no âmbito municipal para a propagação e valorização da cultura popular local por intermédio do saber fazer das bonequeiras. Foram entrevistadas três pessoas titulares das seguintes pastas: Cultura, Educação, e Desenvolvimento Econômico e Turismo.
- Foi realizada entrevista com o professor e ex-vereador que propôs a lei que torna as bonecas de pano patrimônio imaterial municipal.
- Foram entrevistadas a gerente da loja que comercializa as bonecas de pano e também a artista plástica dorense que propôs a confecção das bonecas por meio do grupo renovação, totalizando duas pessoas.

Objetivando maior clareza sobre a sistematização da pesquisa, demonstramos no quadro 2 a relação entre os objetivos específicos, as técnicas de pesquisa e os instrumentos para coleta de dados:

**Quadro 2 – Sistematização da Pesquisa**

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	TÉCNICAS DE PESQUISA	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS
Refletir sobre a relevância da produção artesanal das bonecas de pano para o fortalecimento da cultura popular local;	Pesquisa bibliográfica e documental;	Documentos oficiais e científicos como livros, artigos, dissertações e teses. Plataforma RI/UFS, Plataforma SCIELO,
Descrever de que forma ocorre a transmissão do saber das bonequeiras e quais usos e funções são atribuídas às bonecas de pano na atualidade	Pesquisa de campo; Entrevistas com as bonequeiras e com moradores. Registro fotográfico.	Visita ao Município, Entrevistas estruturada e semi estruturadas; Transk <sup>12</sup> riptor.

<sup>12</sup> O Transkriptor é um software de transcrição online que converte áudio em texto usando I.A. de última geração

<p>Investigar se foram propostas estratégias de salvaguarda capazes de estimular a apropriação e o vínculo dos moradores com este artesanato alçado à condição de patrimônio imaterial de Nossa Senhora das Dores.</p>	<p>Pesquisa bibliográfica e documental. Entrevista com as bonequeiras; Entrevista com gestores municipais da cultura, educação e desenvolvimento.</p>	<p>Dossiês. cartas e recomendações de salvaguarda do IPHAN e UNESCO. Artigos científicos, dissertações e teses; Contato presencial com as bonequeiras; secretários e funcionários municipais. Entrevistas estruturada e semi estruturadas; Transkriptor.</p>
--	---	--

Fonte: Autoria própria, 2022

A transcrição das entrevistas foi realizada por meio do Transkriptor: é um programa pago que converte áudio em texto. Após a conversão foi realizada uma escuta ativa acompanhando o texto para corrigir as possíveis inconsistências. Esclarecemos também que algumas citações, em especial os depoimentos dos entrevistados, bonequeiras, artista plástica, agentes públicos, virão acompanhado da foto do entrevistado, com isso pretendemos dar mais visibilidade a eles e em especial tornar as bonequeiras figuras conhecidas. Para isso, todos e todas assinaram o TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a sua identificação.

### 3. A IMPORTÂNCIA DAS CULTURAS POPULARES E DA TRADIÇÃO NO FAZER ARTESANAL

Neste capítulo pretendemos compreender um pouco o percurso histórico do folclore e da cultura popular na Europa, América Latina e, finalmente, focando no Brasil. Iniciamos descrevendo os caminhos percorridos na Idade Moderna da Europa, baseado nos estudos de Burke (1989). Propomos também, a partir, da “descoberta” das questões ligadas ao folclore e à cultura popular no Brasil e em Sergipe dos séculos XIX, XX e XXI, refletir sobre como a tradição se constrói, se transmite, se faz importante e por quê.

#### 3.1 Fios da “Descoberta” da Cultura do Povo

Os estudos apresentados por Peter Burke (1989) nos mostram a diversidade da população europeia do final do século XVII e início do século XVIII, contrapondo à falsa impressão de uma homogeneidade apresentada sobre a cultura, inclusive nas classes populares da época, havia muita heterogeneidade cultural. A pesquisa de Burke (1989) abarca muitas regiões do continente que compreendem desde a Irlanda aos Urais e a região da Noruega à Sicília.

Os traços diversos apontados pelo estudioso, são de variados segmentos da sociedade da época, que compreendem desde tendência religiosa, como também as diferenças regionais, ocupacionais, musicais, de gênero, oralidade e escrita. Em seus estudos, Burke (1989) aponta que há muitas particularidades que demonstram o quão diversificadas foram as características que formaram o que a elite erudita da Europa chamou de cultura do povo. Tratava-se de uma sabedoria que provinha das classes menos industrializadas, pouco influenciadas pelas grandes transformações ocorridas nos grandes centros.

O processo de reconhecimento da cultura popular como legado importante para a humanidade é antigo. Segundo Burke (1989, p.31) o interesse pelo “folk<sup>13</sup>”, no contexto cultural europeu, se deu no momento em que os intelectuais europeus converteram as temáticas ligadas ao povo em temas de seus interesses. Tal mudança de perspectiva não aconteceu por um acaso. Burke relata que em partes da Europa,

---

<sup>13</sup> Traduzido do inglês para o português como povo.

em países como Alemanha e Espanha, essa busca pela tradição integrava um movimento maior, que recusava as ideias iluministas. Conforme explica o autor:

Esse movimento foi também uma reação contra o Iluminismo<sup>14</sup>, tal como se caracterizava em Voltaire: contra o seu elitismo, contra seu abandono da tradição, contra a sua ênfase na razão. Os Grimm, por exemplo, valorizavam a tradição acima da razão, o surgido naturalmente acima do planejado conscientemente, os instintos do povo acima dos argumentos dos intelectuais (BURKE, 1989, p.39).

A reação contrária ao pensamento iluminista aliado ao esgotamento do classicismo<sup>15</sup>, criou um movimento no qual os homens letrados da Idade Moderna europeia, começaram a reconhecer a riqueza das tradições populares, até então vistas como uma consequência da insignificância intelectual e moral da plebe.

Na Alemanha, os nacionalistas buscavam na idealização do povo o sentido permanente do que seria o nacional. Gomes (1992) afirma que é a partir de Herder<sup>16</sup> e sua compilação de cânticos campestres que surge a oposição entre cultura popular e cultura erudita, de acordo com Gomes:

Em 1778, Johann Gottfried Herder publicava uma antologia de canções coletadas entre rústicos camponeses, ressaltando que elas ainda guardavam a mesma força expressiva da poética desenvolvida pelos hebreus e pelos gregos antigos. Colocava-se ali um marco fundamental: Herder foi o primeiro a falar em "cultura popular" - já a caracterizando como um conjunto de manifestações independentes e, de certa forma, contrapostas àquilo que ele chamou de "cultura erudita" (GOMES, 1992, p.67).

O reconhecimento da cultura popular neste período, estava canalizado para a beleza e ancestralidade das canções, ainda não abrangia o artesanato. A cultura das cortes estava tomada por termos estrangeiros e como forma de mostrar sua oposição a ela, Herder utilizou-se da expressão cultura popular – Kultur des Volkes (ABREU & SOIHET, 2003, p. 86), sendo este momento a inauguração do uso desta expressão.

Para Hall (2003) a composição histórica do que intitulamos de cultura popular, está fundada em diversos enfrentamentos entre a cultura dominante, a qual chamamos de erudita, e a cultura do povo, conforme o autor:

---

<sup>14</sup> O movimento Iluminista surgiu pela França em meados do século XVII, e defendendo o domínio da razão sobre a visão teocêntrica que predominava na Europa desde a Idade Média. Esta forma de pensamento provinha fortemente dos ideais liberais e tinha como propósito, o de iluminar as “trevas” em que se encontrava a sociedade europeia dos regimes absolutistas. Revista Crítica Histórica Ano II, Nº 4, Dezembro/2011 ISSN 2177-9961.

<sup>15</sup> O Classicismo é uma escola estética surgida na Itália no final do século XV que procurava imitar as obras de arte produzidas pelos gregos e pelos romanos no período da Antiguidade. Leski, I. (2020).

<sup>16</sup> Johann Gottfried von Herder foi um filósofo e escritor alemão (1744-1803).

No decorrer da longa transição para o capitalismo agrário e, mais tarde, na formação e no desenvolvimento do capitalismo industrial, houve uma luta mais ou menos contínua em torno da cultura dos trabalhadores, das classes trabalhadoras e dos pobres (HALL, 2003, p. 247).

A cultura popular sobreviveu, ao longo da sua história, por meio dos enfrentamentos travados contra a cultura erudita. Está, em algumas sociedades, era considerada como mais importante que a sabedoria provinda das classes e povos mais afastados das inovações e avanços tecnológicos. Isso porque, na Europa, ao longo dos séculos XVII e XVIII, firmou-se uma tradição cultural na qual definia-se por meio do domínio das letras e do refinamento social, quem iria organizar a sociedade e qual forma seria utilizada seja política e/ou economicamente.

Ao longo dos séculos, a cultura popular tem sido foco de diversas discussões e estudos, ao ponto da diversidade cultural ser registrada como legado cultural da humanidade, por meio da Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural<sup>17</sup> feita em 2002 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO. Neste documento, a instituição se posicionou a favor da diversidade cultural e aconselhou a preservação e o agenciamento da distinção entre os povos, bem como a necessidade da constância do diálogo intercultural (MORENO, 2014). Todo esse movimento mostra a importância que vem recebendo as pautas voltadas à cultura do povo.

Em outros países, em especial no continente americano, a importância da cultura popular também foi foco de diversas discussões ao longo do processo no qual eles foram se constituindo enquanto nações autônomas. Assim a preservação cultural na América Latina ganhou força desde o final dos anos 1980 com o "Giro Multicultural" movimento ocorrido em diversos países latinoamericanos que consistia em reformas institucionais e legislativas objetivando afirmar e reconhecer o traço multiétnico e multicultural da nação (IGREJA e AGUDELO 2014). Essa valorização aconteceu não apenas por conta da criação das políticas públicas, mas também por reivindicações de diferentes grupos e movimentos sociais.

As reformas legais realizadas nos países da América Latina obtiveram efeitos positivos para a valorização da cultura popular, pois é a partir de então que se sobressai

---

<sup>17</sup> DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL, disponível em: <https://www.oas.org/dil/port/2001%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20sobre%20a%20Diversidade%20Cultural%20da%20UNESCO.pdf>

a atuação das instituições setoriais e em alguns casos as instituições remetidas à proteção do Patrimônio Cultural (SILVA, 2019).

A Bolívia é um exemplo, no qual, a criação do Instituto Boliviano de Cultura foi vital na elaboração de ações destinadas à preservação das manifestações culturais tradicionais. Outros países adotaram a mesma trajetória da valorização do Patrimônio Imaterial como o Equador que criou o Instituto Nacional de Patrimônio Cultural (INPC), a Guatemala fundou o Instituto de Antropologia e História (IDAEH), a Venezuela constitui o Instituto Nacional de Folklore (INAF) e o Brasil o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A criação dos institutos possibilitou a valorização da cultura viabilizando que ela fosse vista como parte fundamental da América Latina através de seus ritmos e modalidades específicas de cada contexto nacional.

A chegada do século XXI trouxe terminologias como “Bom Viver”, “Melhor Viver” e “descolonização” estes conceitos transpassaram os debates políticos e intelectuais, bem como lutas sociais que recomendaram diversos modos de pensar a respeito da natureza, economia, sociedade e política no continente americano (Svampa de 2017: 51). As recomendações resultaram em comportamentos de solidificação territorial do conceito de Cultura Popular na Venezuela, trouxeram o fortalecimento da autonomia e interculturalidade na Bolívia, além de ocasionar o profundo reconhecimento das diferentes nações no Equador.

Em conformidade com o relatório apresentado pelo CEPAL em 2016, observou-se no continente americano um declínio no produto interno bruto dos países em geral, resultado das crises econômicas e financeiras globais, situação essa, que afetou os investimentos no setor cultural. Podemos citar, por exemplo, a Venezuela, onde os orçamentos públicos destinados aos portfólios culturais caíram de 27% do PIB a menos de 0,05%. Inexplicavelmente os fatores que implicam o crescimento da valorização da cultura popular em alguns países hispano americanos concorre com aberturas significativas em outros países como a Argentina e México que, mesmo com as dificuldades políticas e sociais, culminou com a adoção de uma Lei Orgânica a respeito da Cultura e dos Direitos Culturais que proporcionou avanços muito importantes pois, nos instrumentos destas nações, o Patrimônio Cultural Imaterial distancia-se das concepções conservacionistas e dispõe-se ao reconhecimento dos direitos culturais.

Antes ainda, diversos países do continente americano reconheceram e legalizaram as convenções da UNESCO de 2003 e de 2005. No tocante à convenção

de 2003 que trata da salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, ela desempenha um papel crucial na preservação da diversidade cultural e no fortalecimento das identidades culturais das comunidades ao redor do mundo. A referida convenção busca promover a conscientização sobre a importância do patrimônio cultural imaterial e fornece um quadro de ação para sua proteção e promoção. Já a convenção de 2005, dispõe sobre a proteção e promoção da Diversidade das Expressões Culturais e tem sido um marco importante para a proteção e promoção da diversidade cultural em todo o mundo, incentivando os países a adotarem medidas para salvaguardar suas expressões culturais únicas e garantir o acesso de todos à diversidade cultural. Ela visa equilibrar o fluxo global de bens culturais e promover o respeito mútuo entre as culturas, contribuindo para a paz, o diálogo intercultural e o desenvolvimento humano.

Os caminhos da cultura popular no Brasil têm semelhanças e assimetrias em relação aos da Europa dos séculos XVII ao XIX e dos países da América Latina. Assemelha-se no contexto da preocupação em registrar e resgatar tudo o que as populações que viviam mais distantes dos grandes centros tinham a oferecer, seja como manifestações artísticas, canções, brincadeiras, crenças religiosas, medicina fitoterápica, artesanato, dentre outros. Assim como aconteceu no continente europeu, houve no Brasil uma preocupação por parte dos intelectuais sobre o possível desaparecimento da cultura das populações mais tradicionais.

Albuquerque Júnior (2013), descreve as condições históricas que fizeram emergir uma consciência de cultura regional no Brasil do início do século XIX, e mostra que o entusiasmo pela temática folclórica não vinha apenas dos folcloristas<sup>18</sup>. O interesse também existia por parte das elites, sobretudo das fundiárias e seus sucessores. O autor escreve que:

As elites agrárias ou seus descendentes citadinos vão descobrir no camponês ou no artesão, seus semelhantes, seus aliados na defesa de um modo de vida, de uma cultura, de uma forma de organização social que estariam ameaçados pelas transformações trazidas pela nova organização social, onde prevaleciam a cidade, a indústria e o comércio. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p.43)

Conforme relatado pelo autor, prevalecia a preocupação por parte das elites agrárias, com a conservação de uma vida sem a influência das transformações que a nova organização da sociedade lhes apresentava, portanto, o caminho encontrado era tentar preservar as tradições rurais do país.

---

<sup>18</sup> Pessoas especializadas em folclore.

Houve, nos séculos XIX e XX, um ápice dos estudos relacionados à cultura popular. Diversos intelectuais se dedicaram aos estudos da cultura do povo, dentre eles pode-se destacar o escritor Mário de Andrade.

A atuação de Mário de Andrade foi de bastante zelo para com a cultura popular. Beneficiou-se da força política que dispunha a seu favor, por ser o diretor do Departamento de Cultura do Município de São Paulo. A sua conduta e prestígio intelectual, foram capazes de auxiliá-lo na criação de um movimento específico para as pesquisas relacionadas ao folclore em São Paulo. O intelectual associou pesquisadores da temática, preparou-os cientificamente antes de iniciarem os trabalhos em campo de pesquisa, e assim nasceu, em 1937, a Sociedade de Etnografia e Folclore (VILHENA, 1997, p.90).

Durante o período que esteve à frente do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, Mário de Andrade enviou ao nordeste do país duas equipes para coleta de áudios e vídeos dos habitantes de povoados e vilarejos da região. Segundo Oliveira (2006) as primeiras pesquisas referentes à temática do artesanato surgiram a partir da expedição idealizada por Mário de Andrade que era apontado como o intelectual que conseguia vangloriar o erudito e o popular.

No estado de Sergipe, diversos pesquisadores tratam da temática da cultura popular. Ela possui tanta relevância que em 2009 foi inaugurado pelo Governo Federal, o Campus Universitário no município de Laranjeiras, cerca de 19km da capital. Localizado em um dos municípios que é considerado berço da Cultura Popular Sergipana o campus é mais conhecido como “O Campus das Artes”, nele são sediadas as graduações de: Arquitetura e Urbanismo, Arqueologia, Dança<sup>19</sup>, Museologia e Teatro e além de integrar alguns cursos de pós-graduação (mestrado) da UFS. No próximo capítulo direcionamos nosso olhar a três grandes nomes sergipanos que dedicaram suas vidas à pesquisa da cultura popular, são eles: Sílvio Romero, Aglaé D'Ávila Fontes e Beatriz Góis Dantas.

### **3.2 Tecendo os Fios da Cultura Popular e da Pesquisa em Sergipe**

O escritor, Sílvio Romero, sergipano natural da cidade de Lagarto, é sem sombra de dúvidas um dos maiores nomes da literatura sergipana e brasileira, considerado por

---

<sup>19</sup> A licenciatura de Dança está no Campus como parte deste centro, mas funcionando num espaço mais adequado para as disciplinas práticas no prédio da antiga escola “Studium Dança” da artista Lu Spinelli na cidade de Aracaju.

Florestan Fernandes como “o nosso primeiro folclorista representativo” (FERNANDES, 1978, p. 177), pois ele publicou suas ideias em diversos livros, nos quais defendia a teoria de um perfil do brasileiro a partir da miscigenação das três raças. Conforme afirma o escritor Schneider (2005, p. 15), Silvio Romero elaborou o que se pode chamar de a “teoria do Brasil.”<sup>20</sup>

Dedicado a estudar as origens do povo brasileiro, Romero exaustivamente defendeu que foi a partir do contato entre o negro (a “raça considerada como inferior”), os povos indígenas (considerados como os “selvagens”), e o branco, que essa miscigenação foi imprescindível para a formação do povo Brasileiro. É necessário pontuar que o raciocínio de Sílvio Romero quanto a essa questão é correspondente à época em que viveu, um contexto em que inexistiam os direitos humanos, na medida em que o tráfico de pessoas trazia forçadamente cidadãos de diversas partes do continente africano e os escravizavam. A realidade da miscigenação, está associada ao estupro, aos trabalhos forçados, à pilhagem e à apropriação forçada dos corpos, saberes e fazeres dos povos originários de África.

Ao publicar o seu livro *Contos Populares do Brasil*, o autor elenca, na introdução quais seriam os seus objetivos com o trabalho folclórico:

Indicar no corpo das tradições, contos, cantigas, costumes e linguagem do atual povo brasileiro, formado do concurso de três raças, que, há quatro séculos, se relacionam; indicar o que pertence a cada um dos fatores, quando muitos fenômenos já se acham baralhados, confundidos, amalgamados; quando a assimilação de uns por outros é completa aqui, e incompleta ali, não é coisa tão insignificante, como à primeira vista pode parecer (ROMERO, 2008, p. 17).

Mesmo que se reconheça a importância substancial do artesanato no procedimento de identificação das culturas populares de diversas comunidades, neste trecho do livro, Romero se refere principalmente a manifestações no campo da literatura e música. Não cita o artesanato como sendo componente participante das tradições, pois a visibilidade ao artesanato neste contexto ainda era pequena ou pouco expressiva.

Romero, também contribuiu para a escrita da Carta do Folclore Brasileiro em 1951. A carta por sua vez foi alicerce para uma campanha em defesa do folclore brasileiro como afirma Carvalho (1991) :

---

<sup>20</sup> Não iremos nos aprofundar aqui na série de teorias filosóficas e científicas que apareceram na Europa, no final do século XIX movimentos como darwinismo, determinismo, positivismo, e naturalismo, que influenciaram o pensamento dos intelectuais. Pois esse não é o objetivo deste trabalho.

O mesmo clima intelectual gerado em torno da Carta (que levou, mais tarde, à criação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro), esteve também por trás da Carta del Folclore Americano, escrita em Caracas em 1970 por um grupo de folcloristas de vários países da América Latina. (CARVALHO, 1991 P, 05)

O erudito Sílvio Romero foi fundamental para atualizar o pensamento brasileiro em relação às novas tendências europeias. Ele foi um dos primeiros a introduzir o termo "folclore" para analisar a poesia popular, o que levou à consolidação da prática entre os escritores brasileiros, à coleta de informações e à publicação de "matéria popular". Foi a partir de então que a temática da cultura popular passou a ser reconhecida pela comunidade letrada, como traço distintivo da nação na década de 1870.

Há diversos pesquisadores sergipanos que, na atualidade, investigam e difundem a cultura popular do estado. Dentre eles, podemos destacar a professora Aglaé d'Ávila Fontes, cuja dedicação incansável à cultura popular tem sido uma inspiração para muitos. Ela que em 2023 desfruta dos 88 anos de idade e continua ativa intelectualmente. Prova disso é que em 2018 assumiu a presidência do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), e em 2020, foi reconduzida ao cargo para o triênio de 2021 a 2023 (ANDRADE, 2022). A professora Aglaé, como gosta de ser mencionada, sempre teve suas ações educativas ligadas à arte e à cultura popular, com ênfase para o folclore sergipano.

Aglaé cresceu cercada por uma rica tradição cultural. Desde cedo, ela desenvolveu um amor pela cultura popular e um desejo ardente de compartilhar esse conhecimento com os outros. Sua paixão a levou a seguir uma carreira como educadora, onde ela encontrou um jeito de transmitir e encantar as futuras gerações com a cultura popular.

Durante a infância, Aglaé viveu em várias cidades do interior sergipano, isso ocorreu porque o seu pai era funcionário federal e precisou por diversas vezes mudar de cidade em virtude de promoções que recebia em seu trabalho. Os deslocamentos proporcionaram a então menina Aglaé, experiências que contribuíram em sua formação cultural, pois desde cedo ela obteve contato com diversos causos, estórias, crendices, superstições e grupos folclóricos.

Conforme afirma Andrade (2022, p.40), "a atuação da professora Aglaé como agente cultural é iniciada a partir da criação da escolinha de música em 1955 na cidade de Aracaju". Sua escolinha não foi a primeira de música do estado, contudo era a primeira a enfatizar a música como forma de interação com a cultura popular. O

trabalho realizado com a escolinha de música ultrapassou os ensinamentos técnicos para tocar instrumentos; conforme Monteiro

O objetivo da Escolinha de Música ia além de ensinar a tocar instrumentos; era possibilitar o desenvolvimento da percepção sonora e rítmica, iniciando pela descoberta do corpo como um instrumento. Outras linguagens artísticas, como a dança e o teatro, foram inseridas no processo de educação musical da instituição, que oferecia aulas de piano e acordeom. A metodologia proposta em nada lembrava as práticas utilizadas nas tradicionais aulas de solfejo e teoria musical dos cursos vigentes da época, em geral, pouco atrativas para as crianças pequenas. (MONTEIRO, 2012, p. 81).

O fato do trabalho da escolinha superar as limitações físicas da escola, ocorreu porque a professora Aglaé acreditava que a arte não podia ser utilizada apenas como meio de entretenimento, por essa razão ela utilizava da educação musical para o desenvolvimento cognitivo das crianças. Os seus alunos além de aprenderem instrumentos como piano e acordeom também se apresentavam em peças teatrais criadas e dirigidas pela própria Aglaé que dispunha de um calendário anual para as apresentações. Andrade afirma que foi por meio da escolinha que a professora Aglaé tornou-se uma importante diretora teatral.

O teatro se fazia presente. As apresentações aconteciam no Teatro Atheneu, uma ou duas vezes por ano. As mostras já faziam parte do cronograma da Escolinha, era essencial a participação de todos os alunos e alunas. Foi assim que a professora Aglaé foi aprendendo a dirigir espetáculos, na prática. Durante os vinte anos que a Escolinha de Música funcionou, a professora Aglaé ensinou, escreveu, brincou e dirigiu, foi assim que as crianças aprenderam a fazer teatro, brincando, porém com muita disciplina objetivava ir além do ensinamento. (ANDRADE, 2022, p. 29).

Foram as apresentações da escolinha de música que levaram a professora Aglaé à cena radiofônica de Sergipe. Ela foi apresentadora do programa infantil “Gato de Botas” também conhecido como TGB, da Rádio Cultura de Sergipe na década de 70 do século XX, nessa experiência ela escreveu vários textos que eram apresentados no programa. Os textos da professora Aglaé tinham uma característica peculiar, a forte presença de elementos culturais Sergipanos: “os textos, em sua maioria, são envolvidos por lendas, brincadeiras populares, causos, que são acrescentados à mistura de músicas do folclore sergipano” (ANDRADE, 2021, p. 34). Por meio deste trabalho, a professora Aglaé contribuiu para que a cultura popular estivesse sendo difundida através de um instrumento de comunicação de relevância e grande alcance no estado que é uma emissora de rádio.

A professora consegue com bastante sutileza integrar em seus textos as brincadeiras da cultura popular com músicas do universo infantil. Essa prática

proporcionou ao TGB transcender as delimitações físicas da Rádio e surge assim o Grupo de Teatro Tegebê. Esse grupo contava com a participação dos alunos mais velhos da escolinha e pessoas ligadas à Rádio Cultura que também participavam do movimento em prol do teatro sergipano. O Grupo Tegebê apresentava peças teatrais infantis escritas pela própria professora Aglaé como também textos de escritores renomados nacionalmente, a exemplo da Maria Clara Machado.

A escolinha de música encerrou suas atividades em 1975, quando a professora já havia iniciado outro capítulo na sua história de vida e na história da cultura sergipana. Ela havia finalizado o curso de filosofia e fora aprovada como professora na Universidade Federal de Sergipe. No exercício do novo emprego ela dedicou suas atividades a trabalhar a cultura popular do estado, seja dentro da sala de aula ou por meio de projetos de extensão universitária. Um desses projetos, no qual ela colaborou foi a criação do 1º Festival de Artes de São Cristóvão - FASC, festival este que tomou proporções maiores. Conforme Andrade, o FASC incluiu São Cristóvão no mapa do turismo cultural do país.

Partindo de uma Política de Extensão, a Universidade Federal de Sergipe cria o FASC, um ponto culminante para as realizações artísticas do estado de Sergipe. Durante os dias de festival havia uma movimentação entre os alunos e os professores. Aconteciam apresentações musicais, de dança, de teatro, com grupos de Sergipe e de outros estados. Além de noite de autógrafos, oficinas de arte em escolas da cidade, praças, e até em conventos. Nos dias de FASC, São Cristóvão se transformava na "Capital Brasileira da Cultura", além de atrair turistas, o FASC movimentava a economia do estado. (ANDRADE, 2022, p. 46).

O FASC foi realizado pela universidade até o ano de 1993. Neste tempo a professora Aglaé participou da organização no período de 1972 até 1986. Hoje o festival que tomou proporções maiores é realizado por meio do Governo Municipal de São Cristóvão e do Governo do Estado. Na década de 70, outros municípios foram influenciados com a iniciativa de criação do FASC, e criaram seus próprios encontros culturais. Um bom exemplo é o município de Laranjeiras que realiza o Encontro Cultural de Laranjeiras há XXXVI edições.

A trajetória da professora Aglaé D'Ávila Fontes é extensa, pois vai desde a dramaturgia, escreveu mais de 40 peças teatrais, até a prestação de consultoria, já que a mesma "prestou consultoria, no processo de escolha das imagens presentes no Largo da Gente Sergipana" (OLIVEIRA, 2020, p.39). Pode-se afirmar que ela é uma das mais reverenciadas pesquisadoras da cultura popular no estado de Sergipe, respeitada pelos mestres dos grupos folclóricos, brincantes e reconhecida nacional e

internacionalmente por ter a vida profissional aplicada a fazer, reconhecer e divulgar a cultura sergipana. Ao trazer a cultura popular em seus processos educativos, a professora Aglaé conseguiu valorizar as raízes culturais bem como integrar a cultura da região à vida das pessoas. Por meio dos seus romances e histórias infanto-juvenis, saberes e fazeres da cultura popular são difundidos por toda parte do estado.

A professora Aglaé também esteve, por diversas vezes, à frente de entidades e organizações que cuidavam da cultura Sergipana, como o Centro de Criatividade de São Cristóvão. À frente do centro, ela contribuiu para que as concepções educacionais fossem calçadas no conceito de "experimentar e descobrir" a partir do qual permitia aos seus estudantes uma liberdade de criação calcados no compromisso com a Arte-Educação, uma educação que parte da expressão de sentimentos e emoções. Também não faltou a presença da cultura popular sergipana por meio de diversas oficinas e cursos realizados no centro de criatividade. Nos cursos, era possível aprender a respeito do teatro de bonecos, danças folclóricas, arte em cerâmicas, festejos juninos e exposições de artistas plásticos sergipanos. A professora Aglaé foi por três vezes secretária de Estado, outrossim, colaborou na Fundação Cultural de Aracaju (FUNCAJU) como presidente e vice-presidente. É sócia e atual diretora-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e membro da Academia Sergipana de Letras.

Outra pesquisadora da contemporaneidade que é uma referência na área das ciências sociais e que se destacou pelo seu trabalho interdisciplinar e engajado é a pesquisadora Beatriz Góis Dantas. Em seus estudos, a cultura popular sergipana permeia os temas difundidos pela pesquisadora da antropologia.

Ao tratar da cultura popular, Dantas escreveu um trabalho que passou a ser considerado um clássico da antropologia brasileira, intitulado *Vovô Nagô, Papai Branco: usos e abusos da África no Brasil* (1988). Obra na qual, a antropóloga expõe as tentativas de legitimar e legalizar o candomblé no Nordeste, principalmente nas décadas de 30 e 40, com a participação dos intelectuais

O artesanato também foi tema de duas publicações de Dantas: a primeira em 2002 denominada "Rendeiras de Poço Redondo: vida e arte de mulheres que batem bilros no sertão do São Francisco". A publicação desta obra aconteceu após a autora registrar e documentar a cronologia da renda de bilro em Poço Redondo, na ocasião também registrou quais eram as rendas existentes, com um interesse de conhecer a história e com esses registros preocupou-se em impedir a extinção deste artesanato.

A segunda pesquisa com a temática do artesanato aconteceu em 2006 “Rendas e Rendeiras no São Francisco: estudos e documentos sobre a renda de bilro de Poço Redondo – SE”. Nesta obra, por meio das informações coletadas, a autora reconstrói um ambiente antropológico e poético valioso. Essa narrativa ocorre através da contextualização sócio histórica, pois, a renda, é tratada a começar da história de vida de figuras nordestinas em seus dias de juventude que vivenciaram mudanças históricas de acentuada importância. Com a redação descomplicada e deleitosa, a obra apresenta imagens, que reproduzem a renda, as rendeiras e o sertão.

A partir destas obras, Dantas ocasionou de forma branda, um debate a respeito das metodologias prestigiadas ao se realizar uma patrimonialização cultural e suas aplicações, de igual modo sobre as possibilidades de retorno para os detentores de patrimônio cultural.

## 4. ARTESANATO E A REPRESENTAÇÃO DA CULTURA POPULAR

Nos propomos, neste capítulo, a refletir sobre o surgimento do artesanato, sua função ao longo da história da humanidade, além de trazer dois exemplos de bens imateriais enquanto referências culturais que foram patrimonializados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

### 4.1 O Artesanato na História

A produção de artesanato acompanha o desenvolvimento da humanidade ao mesmo tempo em que evolui com ela. Não é possível determinar o período exato em que o homem passou a produzir artesanato, mas se sabe que desde o período neolítico<sup>21</sup>, os humanos utilizam-se de vegetais, minerais e animais para a elaboração de artefatos que os auxiliam, além de expressarem e comunicarem suas realidades (SERAFIM; CAVALCANTI; FERNANDES, 2015; MACHADO, 2016), costumes que se repetem até os dias atuais.

O vocábulo artesão é derivado de seu correspondente em língua italiana artigiano, palavra esta que surgiu pela primeira vez no período do Renascimento, porém apenas no século XIX, os italianos criaram o vocábulo *artigianato* (artesanato), o qual, designava a atividade do artesão, de acordo com o registro de Giovanni Alessio e Carlo Battisti no *Dizionario Etimologico Italiano*, de 1950 (MARTINS, 1973). Ainda segundo Martins (1973), foi em francês que o vocábulo apareceu pela primeira vez na imprensa escrita, no texto de Julião Fontègne, por meio do Jornal “La Gazette des Métiers<sup>22</sup>” (MARTINS, 1973) publicado em Estrasburgo, em outubro de 1920.

Segundo Paz (2006), o uso de artesanato é precedente ao fracionamento entre o belo e o útil:

Os artesanatos pertencem a um mundo anterior à separação entre o útil e o belo. [...] O artesanato é uma mediação: suas formas não estão regidas pela

---

<sup>21</sup> Neolítico também conhecido como Período da Pedra Polida vai aproximadamente do X milênio a.C., com o início da sedentarização e surgimento da agricultura, ao III milênio a.C., dando lugar à Idade dos Metais (FUNARI e NOEL, 2002).

<sup>22</sup> A Gazeta do Comércio.

economia da função, mas pelo prazer, que sempre é um gasto e não tem regras. [...] O objeto artesanal satisfaz uma necessidade não menos imperiosa que a sede e a fome: a necessidade de recrear-nos com as coisas que vemos e tocamos, quaisquer que sejam seus usos diários” (PAZ, 2006, p. 6).

Por meio da produção do artesanato, é que foi possível atender as necessidades que os humanos tinham por equipamentos que pudessem ampará-los nas tarefas corriqueiras. Bons exemplos são as lanças utilizadas para a caça e as cestas utilizadas para colheita, dentre outros objetos utilitários. No decorrer da história, as técnicas foram sendo aprimoradas ao ponto que se chegou à produção das cerâmicas, e estes novos artefatos permitiram o armazenamento de líquidos e alimentos.

O aperfeiçoamento também trouxe a tecelagem e com ela iniciou-se a confecção de peças que serviram de vestimentas. Com a técnica de entalhe surgiu o desenvolvimento de móveis e adornos (FERNANDES, 2017). Aos poucos os processos de criação evoluíram, fato que nos levou de produtores de peças primitivas, às guildas e aos ofícios, organizações sociais produtivas, associações de grande relevância e intervenções na sociedade.

Keller (2014) destaca a atividade artesanal e o artesanato como um produto rico culturalmente, por trazer em sua gênese uma identidade partícipe do mundo ancestral, assim como também do mundo contemporâneo, fato que o singulariza como um produto diferenciado.

Durante milênios foi o único modo que se tinha de fazer objetos. O mundo foi feito à mão. Se pensarmos no volume de objetos que já se produziu, manualmente, percebemos que é uma coisa impressionante e incalculável mesmo, porque acompanha o tempo da própria humanidade (KELLER, 2014, p. 325)

De acordo com o autor, é a heterogeneidade do fazer artesanal que faz transparecer a riqueza da obra dos artesãos, pois são eles quem cuidadosamente selecionam quais serão as matérias primas e as técnicas aplicadas, sendo importante também considerar as inúmeras realidades sociais vividas por quem os produz.

No Brasil, a origem do artesanato relaciona-se à colonização. Neste momento, o não reconhecimento da sabedoria e talento dos povos originários, resultou no desprezo do saber tradicional, valorização das reproduções e não das criações (NORONHA, 2017; ROSSI, 2017). Tal cenário proporcionou um ambiente impreciso e melindroso para o desdobramento de atividades que tivessem a expressão cultural do povo brasileiro.

Segundo Cunha (2000), a desvalorização das artes manuais tem a ver com a herança histórica da península ibérica, trazida para a colônia pelos portugueses, pois lá o artesanato não prosperou, ao contrário do que ocorreu em outros países europeus. Lá, via-se a importância social conferida aos labores manuais serem notadamente desacreditados.

A circunstância do artesanato no Brasil, em virtude de como foi o modo de colonização por aqui, diferencia-se dos demais países da América do Sul e da Europa, nos quais o artesanato produzido avançou na mesma medida em que avançavam os aspectos industriais, econômicos e tradicionais destas sociedades.

Segundo Borges (2011), às circunstâncias do nascimento da arte manual no país, favoreceu a construção de uma imagem negativa destes produtos, como sendo rudimentares, mal-acabados, sem valor cultural e econômico, que “certamente reflete a visão da sociedade que desvaloriza o que vem das camadas subalternas e reconhece previamente a produção da elite” (BORGES, 2011, p.22-25).

Ao refletir sobre a noção que os brasileiros têm acerca do artesanato, Araújo (2020) relata a percepção que se tem dele como algo inacabado:

Deve-se ter em vista que essa noção, de que o artesanato no Brasil é mal-acabado e agressivamente rústico, lamentavelmente ainda permeia no imaginário dos brasileiros até hoje. E essa compreensão, que somente é tida devido à comparação que se faz entre o objeto artesanal e o industrial, desvaloriza o que há de mais valoroso no objeto-artesanato: o fator humano. (ARAÚJO, 2020, p.154)

Conforme a autora, o fator humano presente na produção artesanal é desprezado. Esse equívoco surge a partir da comparação entre objetos artesanais e industriais, e infelizmente prejudica o aspecto mais significativo do fazer artesanal, a singularidade do elemento humano.

A valorização da produção artesanal no Brasil contou com as contribuições e intervenções de agentes nacionais e internacionais. Essa visão marginalizada do artesanato, presente no imaginário dos brasileiros, sensibilizou arquitetas e designers como Janete Costa e Lina Bo Bardi. Nas décadas de 1950 e 1960, elas deram início a atuações nas quais projetavam a valorização artística e cultural do artesanato brasileiro. Janete e Lina iam de encontro ao movimento modernista estético, que idealizava a plastificação e industrialização de produtos. As artistas utilizavam em seus

projetos arquitetônicos produtos artesanais, bem como promoviam exposições (LIMA, 2005; ROSSI, 2017).

O movimento encabeçado por Janete e Lina e abraçado por diversos designers também conquistou o apoio de Aloísio Magalhães, pois segundo Borges (2011), o designer se posicionava a favor do fazer artesanal, uma vez que segundo o seu ponto de vista, o artesanato é o preconizador do design no país. O posicionamento de Magalhães proporcionou diversos debates sobre a temática que resultaram num movimento que buscava a revitalização do saber artesanal, por volta da década de 1980, através do design.

A estetização do artesanato para consumo pode ter tanto efeitos positivos quanto negativos no potencial criativo. Por um lado, a ênfase na estética e na apresentação visual dos produtos artesanais pode levar a uma maior valorização e apreciação desse tipo de trabalho. Isso pode resultar em uma demanda crescente por produtos artesanais, o que pode ser uma oportunidade para os artesãos ampliarem sua produção e criarem novos designs.

O enfrentamento em busca do reconhecimento para o artesanato, todavia ainda não obteve o resultado desejado, embora, o artesanato desempenhe um papel crucial no fortalecimento identitário de comunidades e povos, preservando tradições culturais, conectando-se com a história, valorizando o local, gerando emprego e empoderamento comunitário, e permitindo a expressão individual e coletiva.

As culturas populares vêm passando por processos de espetacularização no qual os saberes e práticas envolvidos não são considerados, pois, o valor passa a ser comercial. Para Carvalho (2010), essa espetacularização significa que:

são tratadas como objeto de consumo; e, mais complexo ainda, como mercadoria. Passam, assim, do valor de uso com que se inscrevem no contexto das comunidades que as criam e reproduzem, para se tornar valor de troca, passíveis de serem mais ou menos importantes a depender dos padrões de desejo e de fruição dos consumidores que as escolhem e identificam; (CARVALHO 2010, p. 49)

A resignificação ocorre de fora para dentro, esses processos não incluem os detentores do saber e buscam atender o olhar do consumidor. Trata-se aqui de uma operação muito distinta das eventuais e múltiplas resignificações que são provocadas de dentro, ou seja, pelos próprios artistas populares no contexto das comunidades onde atuam.

## 4.2 A Patrimonialização do Artesanato

A patrimonialização de um bem acontece quando o bem patrimonializado passa a ser reconhecido como sagrado para a cultura de um determinado grupo social organizado e, posteriormente, institucionalizado. Pode-se assim dizer, que ele se converte em uma referência cultural. Neste caso, o patrimônio torna-se um elemento.

As referências culturais são elementos simbólicos, conceitos, tradições, valores ou práticas que foram compartilhados e reconhecidos por um determinado grupo cultural. Elas podem incluir aspectos como mitos, lendas, rituais, símbolos, ícones, heróis culturais, arte, música, literatura, moda, entre outros. Essas referências culturais fornecem um conjunto de significados e associações compartilhados que ajudam a comunicar e compreender ideias, sentimentos e conceitos dentro de um contexto cultural específico, capaz de distinguir coletivos de indivíduos como “nações” e “culturas”. Fonseca (2000) afirma que não há como pensar em referências culturais sem pensar em sujeitos:

Quando se fala em referências culturais, se pressupõem sujeitos para os quais essas referências fazem sentido (referências para quem?). Essa perspectiva veio deslocar o foco dos bens que em geral se impõem por sua monumentalidade, por sua riqueza, por seu peso material e simbólico – para a dinâmica de atribuição de sentidos e valores. Ou seja, para o fato de que os bens culturais não valem por si mesmos, não têm um valor intrínseco. O valor lhes é sempre atribuído por sujeitos particulares e em função de determinados critérios e interesses historicamente condicionados. (FONSECA, p. 2000)

Os patrimônios servem para reconhecer e evidenciar as singularidades que há entre os povos, bem como para marcar as diferenças existentes entre eles. No mundo globalizado e demarcado em estados-nações, são conceitos decisivos nesta configuração da autenticidade e da originalidade.

De acordo com Abreu (2015), a trajetória dos processos de patrimonialização pode ser apresentada em três grandes momentos.

O primeiro, que vai do século XIX à primeira metade do século XX, os processos de patrimonialização fundamentavam-se na reconstrução do passado (história) ou na busca e valorização de uma arte nacional. No segundo, cujo marco fundamental foi a criação da UNESCO nos anos 1940, uma nova e importante variável é absorvida pelos processos de patrimonialização: o conceito antropológico de cultura. (...) O terceiro momento tem início no final dos anos 1980, particularmente com o lançamento pela UNESCO da Recomendação de Salvaguarda das Culturas Tradicionais e Populares em 1989, quando as políticas preservacionistas passam a ser normatizadas por fóruns internacionais, com a predominância da UNESCO, estimulando uma dinâmica globalizada de identificação, proteção, difusão e circulação de valores e signos patrimoniais (ABREU, 2015, p. 69).

Conforme a autora, o processo de patrimonialização não é uma ação unicamente do ocidente moderno, onde houve diversos movimentos em prol da cultura e do patrimônio, como a criação de agências nacionais e internacionais, a formação de agentes, a definição de políticas públicas.

No Brasil, a preservação do patrimônio material foi institucionalizada há pouco mais de oitenta anos. Sua juridicidade foi assegurada a partir do decreto lei nº 25, de 30 de novembro de 1937 e neste decreto, o governo federal divulgou como deveria estar organizada a proteção ao patrimônio histórico e artístico nacional. Trata-se, no decreto, da criação do IPHAN e descreve quais elementos poderiam ser reconhecidos como patrimônio na esfera nacional.

Tolentino (2018) ressalta que desde que iniciou o tombamento no Brasil, seguiu-se o mesmo direcionamento da Europa, na qual a patrimonialização estava estreitamente unida à ideia de Estado-nação.

De fato, com a criação do SPHAN<sup>23</sup> e da figura do tombamento como um instrumento de proteção legal aos bens móveis e imóveis declarados como patrimônios históricos e artísticos nacionais, a prioridade foi dada aos remanescentes da arte colonial brasileira e à arquitetura religiosa católica, justificada pelo processo de urbanização que se acelerava e do saque e comercialização dos bens móveis. (TOLENTINO, 2018, P.44)

Desde a criação do IPHAN o tombamento se constituía como o instrumento para a patrimonialização dos bens culturais, sendo agrupados em livros de tomo.

O surgimento da temática do patrimônio imaterial ou intangível no Brasil, acontece a partir dos anos 2000 quando o texto constitucional que já reconhecia o patrimônio cultural foi complementado pelo Decreto Presidencial nº 3.551 de 4 de agosto de 2000. O referido decreto apresenta quais são os mecanismos para se fazer o registro do patrimônio imaterial que ocorre igual ao dos bens materiais, ou seja, devem ser registrados por meio de livros. Neste caso do imaterial, são eles: Livro de Registro dos Saberes; Livro de Registro das Celebrações; Livro de Registro das Formas de Expressão e o Livro de Registro dos Lugares (BRASIL, 2000).

Conforme Abreu (2018) este período de reconhecimento do patrimônio imaterial também trouxe novidades para o campo da patrimonialização. Para a autora:

a grande novidade advinda neste período é que o campo da patrimonialização abarcará diálogos em rede entre representantes de novos organismos – agências locais, nacionais e internacionais e, sobretudo, movimentos sociais, organizações não-governamentais, coletivos de indivíduos oriundos de camadas populares e um sem número de sujeitos coletivos – favorecidos pelas

---

<sup>23</sup> SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, foi a primeira denominação do órgão federal de proteção ao patrimônio cultural brasileiro, atualmente denominado de IPHAN.

novas tecnologias, trazendo um novo elemento como contraponto para a quase exclusividade das instituições estatais neste domínio até então (ABREU, 2015, p. 69).

Ainda conforme Abreu (2015), os novos agentes conquistaram o cenário público por meio da indicação de diversos interesses, e às vezes muito específicos. A atuação destes novos agentes possibilitou a patrimonialização de elementos da cultura brasileira que não eram os que representavam o período de colonização no país. Vale evidenciar que a patrimonialização não é um fim em si mesma, mas um meio para a promoção da diversidade cultural, do respeito às comunidades tradicionais e da valorização dos bens imateriais. Ela deve estar acompanhada por ações efetivas que garantam a salvaguarda desses bens. Diversas são as vantagens de se patrimonializar um bem, como por exemplo, a valorização e preservação da identidade cultural, a possibilidade de fomentar o turismo e desenvolvimento econômico, bem como a promoção da diversidade cultural.

O processo de patrimonialização de bens imateriais instituído e aplicado pelo IPHAN segue cinco etapas iniciadas pela identificação, seguida da documentação, análise, consulta pública e registro. Essas etapas serão detalhadas no quadro 03 a seguir:

**Quadro 3 – Etapas da patrimonialização do bem imaterial.**

<b>ETAPA</b>	<b>DESCRIÇÃO DA ETAPA</b>
Identificação	Nesta etapa, é feito um levantamento e identificação dos bens imateriais existentes, ou seja, das manifestações culturais que podem ser consideradas patrimônio imaterial. Isso pode incluir festas populares, danças, rituais, expressões orais, técnicas artesanais, entre outros.
Documentação	Após a identificação, é realizada a documentação dos bens imateriais. Isso envolve o registro de informações detalhadas sobre as manifestações culturais, incluindo sua história, características, contexto cultural, comunidades envolvidas, entre outros aspectos relevantes. Essa documentação pode ser feita por meio de pesquisas, entrevistas, registros audiovisuais, fotografias, entre outros recursos.
Análise	Nesta etapa, o IPHAN realiza uma análise técnica e qualitativa das manifestações culturais identificadas e documentadas. É avaliado o valor cultural, histórico e social dessas expressões para a comunidade e para a identidade cultural do país.

Consulta pública	Após a análise interna, é aberta uma consulta pública para envolver a participação da comunidade e de outros interessados no processo de patrimonialização. Essa consulta tem o objetivo de receber contribuições, opiniões e informações adicionais sobre os bens imateriais em questão.
Registro	Após a consulta pública e considerando os resultados obtidos, o IPHAN pode decidir pelo registro do bem imaterial como patrimônio cultural do Brasil. O registro oficializa o reconhecimento da importância e valor cultural da manifestação, conferindo-lhe proteção e medidas de salvaguarda.

Fonte: Autoria Própria, 2023.

Diversos são os exemplos de artesanato que conquistaram o título de patrimônio cultural na esfera federal, dois deles serão relatados em seguida.

### 4.3 Renda Irlandesa de Divina Pastora

O primeiro caso sergipano de artesanato reconhecido como bem cultural imaterial é o da Renda Irlandesa de Divina Pastora. A técnica de fazer renda chegou ao Brasil provavelmente com a colonização, visto que as rendas no mundo têm uma valorização a partir do Século XVI e XVII, mas há uma decadência da produção delas a partir da revolução industrial.

Neste momento de decadência, a produção das rendas fica restrita apenas aos conventos, principalmente na Irlanda, como escreveu a professora Beatriz Góis Dantas (2014). Nos seus estudos e pesquisas sobre a renda irlandesa, Dantas relata que os conventos irlandeses produziam muito a renda Renascença, ou seja, a renda Irlandesa chegou ao Brasil com o nome de renda Renascença, e em Divina Pastora, devido à falta da matéria-prima de origem da renda renascença, as mulheres, começam a usar outros tipos de matéria-prima e transformaram a renda renascença em renda irlandesa.

Segundo o professor de história e jornalista Marcos Silva, em entrevista ao programa Giro Sergipe da TV Sergipe gravado e exibido em março de 2022, figura 02, “a transformação, não foi pensada, foi um fato que aconteceu em virtude da necessidade. ” Desse modo, é que a Renda Irlandesa e o seu Modo de Fazer representam um saber tradicional, o qual passou ao longo dos anos por um processo de ressignificação através das rendeiras de Divina Pastora, município do estado de Sergipe.

**Figura 02** – Imagens do Programa Giro Sergipe dedicado à Renda Irlandesa.

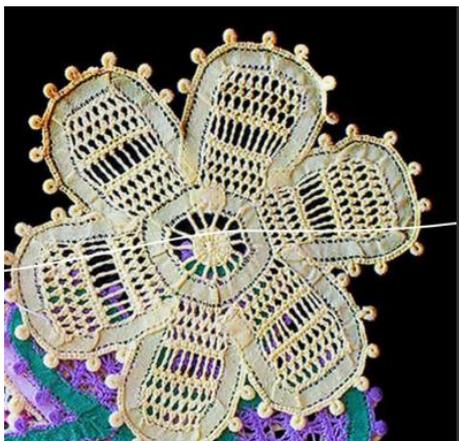


Fonte: Globoplay, 2022.

O processo de patrimonialização iniciou-se em 2006, ano em que a Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora – ASDEREN, através de sua presidente, a Sra. Elisabete Raimundo dos Santos, encaminhou pedido de reconhecimento e registro ao presidente do Iphan. A solicitação foi apoiada pela Câmara de Vereadores, Conselho Municipal de Cultura e também pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

A patrimonialização da renda irlandesa inspirou a criação do Dossiê no qual apresenta este artesanato e o contexto histórico e social no qual ele se desenvolveu. O dossiê elaborado por técnicos do IPHAN e outros colaboradores apresenta também representativas, uma com a artesã mostrando como faz o traço da renda e a outra com a renda finalizada. As técnicas dos saberes e fazeres das rendeiras de Divina Pastora na produção da renda. A figura 03 apresenta duas imagens na qual faz-se um contraste visual entre a Renda Renascença e a Renda Irlandesa de Divina Pastora/SE.

**Figura 03** – Contraste entre a Renda Renascença e a Renda Irlandesa de Divina Pastora/SE.



Fonte: Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola, 2017

Fonte: IPHAN, 2014.

Além do apoio dos órgãos municipais para dar legitimidade ao pedido de registro realizado por meio da ASDEREN, também foram enviadas junto à documentação, autorizações assinadas por 180 praticantes e detentores do saber-fazer relacionado ao modo de fazer Renda Irlandesa. Após os estudos comprobatórios, e tendo cumprido as etapas necessárias para legitimação do pedido, o reconhecimento nacional aconteceu, conforme descrito no Dossiê nº 13 do Iphan, o qual trata da renda de Divina Pastora.

O Modo de Fazer Renda Irlandesa, tendo como referência o ofício praticado em Divina Pastora/SE, foi incluído no Livro de Registro dos Saberes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, no dia 28 de janeiro de 2009, conferindo assim a essa modalidade de ofício artesanal o título de Patrimônio Cultural do Brasil. O registro está de acordo com a decisão proferida na 58ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, realizada no dia 27 de novembro de 2008. (IPHAN, 2014, p. 14)

O reconhecimento da renda irlandesa como patrimônio do país, veio recompensar um processo que teve início a partir do ano 2000 quando as rendeiras participaram do Programa Artesanato Solidário, coordenado pelo antropólogo Antônio Augusto Arantes, em parceria com o Sebrae, a Caixa Econômica Federal e o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP/IPHAN.

A legitimação também rendeu diversas participações em exposições por parte das rendeiras e suas obras de arte, participações em programas de TVs locais e nacionais, assim como proporcionou aumento no retorno financeiro e conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida para as rendeiras, uma vez que houve um aumento na procura pelo produto. Na atualidade, a Renda Irlandesa é

comercializada pelas próprias rendeiras e também há um espaço na rua do turista na capital sergipana no qual estão disponibilizadas para venda diversos artesanatos sergipanos, inclusive renda. A difusão da renda acontece por meio de oficinas realizadas por duas associações existentes no município: ALDRIN e ASDERE.

#### **4.4 Bonecas Karajá**

Os Karajá habitam e constroem seu território étnico em uma área em que, segundo os estudos arqueológicos e etno-históricos, antes já era ocupada por grupos ceramistas pré-coloniais, na margem do rio Araguaia ou como costuma ser chamado pelos Karajás, Berohoky - o grande rio. (DRAGO et al., 1981:33; LIMA FILHO, 1994:19 e 29).

Na cultura material dos Karajás destacam-se a confecção de diversos artefatos como a cestaria, feita tanto pelos homens como pelas mulheres, a plumária a qual tem uma relação direta com os rituais, e a cerâmica apresentando os mais variados tipos que vão desde utensílios domésticos, como potes e pratos, bem como as bonecas que apresentam temas mitológicos. Por terem se tornado motivo de grande interesse dos turistas, as bonecas Karajá converteram-se em um meio de subsistência para as comunidades que as produzem (LIMA FILHO, 1994).

As bonecas produzidas em cerâmica, foram no passado e ainda são um instrumento com função lúdica para as crianças. Sua fabricação é uma atribuição exclusivamente das mulheres. Representam situações da vida cotidiana, figuras míticas, conjuntos de bonecas constituintes de unidades familiares complexas, representações da fauna regional.

Em 2012, as Bonecas Karajás foram reconhecidas como patrimônio imaterial brasileiro pelo IPHAN. O levantamento de dados foi realizado pela equipe do projeto Bonecas Karajá: arte, memória e identidade indígena no Araguaia. O referido projeto foi proposto pelo Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás – FAPEG e IPHAN.

O trabalho de coleta para a elaboração do Dossiê que subsidiou o processo de patrimonialização das Bonecas Karajás é resultado da pesquisa de campo etnográfica e estudos bibliográficos realizados no intervalo de tempo que vai de novembro de 2008 até agosto de 2011. Em campo, o trabalho realizado pela equipe de pesquisa, na área

indígena Karajá, contou com a realização de diversas viagens para as aldeias Buridina e BdèBurè (Aruanã - GO), e para a aldeia Santa Isabel do Morro (Ilha do Bananal - TO).

O modo de fazer das Bonecas Karajás, conforme mostra a figura 04, foi registrado através de entrevistas com as ceramistas bem como filmagens que retratam cenas da vida Karajá no cotidiano da aldeia e em momentos de rituais. As filmagens também incluíram os acervos das coleções de ritxoko nos museus brasileiros bem como a formas de exibição e a comercialização das mesmas.

**Figura 04** – Modo de Fazer as Bonecas Karajá (Ritxòkò)



Fonte: IPHAN, 2011.

Todo trabalho realizado pela equipe do projeto Bonecas Karajá favoreceu o reconhecimento destas cerâmicas como patrimônio imaterial, e propiciou a confecção de um Dossiê, no qual foram catalogados os Saberes, Fazeres e Práticas associados ao modo de fazer ritxoko<sup>24</sup>.

A patrimonialização deste artesanato indígena foi inscrito no Livro de Registro dos Saberes. Sua produção envolve técnicas e modos de fazer considerados tradicionais que são transmitidos de geração em geração. As ritxòkò, e seus diversos significados sociais, são consideradas representações culturais que reproduzem o ordenamento sociocultural e familiar dos povos Karajá.

#### **4.5 Síntese dos Caminhos percorridos para a Patrimonialização**

Os casos apresentados anteriormente buscam ilustrar em parte como se dá o processo de patrimonialização em escala federal, assim como mostra a valorização da

<sup>24</sup> Na língua nativa dos Karajás as bonecas denominam-se ritxòkò (na ala feminina) e/ou ritxò (na ala masculina) (IPHAN, 2011, p.05).

cultura popular por meio do processo de patrimonialização. A partir destes artesanatos patrimonializados, buscamos entender quais caminhos e etapas foram percorridas no processo de valorização da cultura popular através da patrimonialização das bonecas de pano produzidas no município de Nossa Senhora das Dores.

De pronto, é possível constatar que em ambos os processos de patrimonialização relatados anteriormente, foi necessário cumprir etapas nas quais houve a catalogação das informações referentes aos objetos tornados patrimônio e seu entorno social. A catalogação vai desde a identificação do artesanato, seu contexto sociocultural, seu uso, quem são seus artesãos e sua representatividade atual e histórica. Todas essas representações precisam estar devidamente documentadas e enviadas ao órgão competente para apuração, emissão e homologação da certidão.

Os dois processos apresentados anteriormente trouxeram o contexto no qual estão inseridos os bens patrimonializados. No caso da Renda Irlandesa, o dossiê apresenta o município de Divina Pastora, com um breve histórico. Apresenta o que é o ofício das rendeiras diferencia o que são as rendas daquilo que são os bordados, e qual a classificação para tais artesanatos. O documento ainda aborda quais são os instrumentos de trabalho utilizados na execução da renda, quais são as suas matérias primas, qual é o diferencial do lacê que é o elemento identificador da renda irlandesa, como são feitos os riscos e pontos, como é realizada a difusão da técnica, quem são as rendeiras quando ocorreu a sua iniciação, quais suas motivações e como é a carreira de rendeiras, quais são os modos de trabalhar na renda e as tipologias delas. O documento se preocupa em detalhar quais são as formas de organização para o trabalho com as rendas, a geração de renda informal por meio da produção da renda e quais são as redes de iniciação e a transmissão do saber e a diversidade das rendeiras.

No caso das Bonecas Karajás o dossiê apresenta contexto geográfico, arqueológico e histórico do povo Karajá e quais os modos de fazer ritxoko, as matérias primas utilizadas como o barro suù e a cinza mawysidè de onde são retirados os barros, no caso os barreiros de Hawalò Mahãdu. Apresentam também a diferença entre o barro usado em Buridina e Bdè-Burè, o uso da cinza do cega-machado mawysidè, como é feita a preparação da massa de argila e a modelagem das ritxoko, detalha o processo de acabamento que passa por raspagem e alisamento das peças seguido da secagem e da queima. Ainda nesse processo de finalização das peças o documento mostra como é feita a decoração das bonecas, a forma que as tintas são preparadas e como é feita a aplicação dos grafismos.

A documentação descreve em quais épocas estão a alta e a baixa produção das ritxoko, os instrumentos de trabalho utilizados, como é feita a transmissão e quem ensina e repassa esse saber, qual a idade certa para aprender, o porquê do uso das ritxoko como brinquedo de meninas. As ceramistas e suas histórias são apresentadas bem como quem são as mestras e as jovens aprendizes. Outro detalhamento importante realizado no dossiê é os significados dos grafismos nas bonecas Karajá quais as interpretações etnográficas desses grafismos e um inventário do grafismo aplicado às bonecas Karajá, as Metodologias utilizada em Santa Isabel do Morro (Ilha do Bananal, TO) e nas aldeias Buridina em Bdè-Burè (Aruanã, GO) e como é feita a comercialização deste artesanato.

O próximo capítulo apresentará o artesanato boneca de pano enquanto referência de cultura bem como apresentaremos uma síntese das entrevistas realizadas com os agentes envolvidos no saber fazer deste artefato.

## 5. BONECAS DE PANO ENQUANTO REFERÊNCIA NA CULTURA POPULAR

Neste capítulo pretendemos mostrar as bonecas de pano como símbolo de preservação da identidade cultural de um povo bem como demonstrar os resultados da pesquisa de campo realizada sobre as bonecas de pano produzidas no município de Nossa Senhora das Dores/SE.

### 5.1 Bonecas de Pano Tikuna como Símbolo de Preservação

As bonecas de pano, podem ser utilizadas como elementos de afirmação e preservação de uma cultura. O modo de fazer, o material utilizado e os significados do contexto social no qual estes artesanatos então envoltos podem ser o marco diferencial que distingue uma boneca produzida em uma determinada região para a produzida em outra. Cada uma dessas peças artesanais apresenta características próprias que revelam práticas e competências da vida social manifestadas em saberes e modos de fazer de uma comunidade.

Um exemplo de busca da preservação da história de um povo por meio do artesanato é a produção de bonecas indígenas do povo Tikuna. Estes artesanatos são obras da ativista, designer e empresária We'e'ena Tikuna.

As bonecas de pano, figura 05, produzidas pela ativista cumprem o propósito de contar a história de seu povo além de prestar uma homenagem à sua origem na aldeia Umariçu, localizada no distrito do Alto Rio Solimões, no Amazonas, território da nação Tikuna.

**Figura 05** – We'e'ena e as Bonecas Tikuna.



Fonte: Instagram de We'e'ena Tikuna, 2022.

A figura 06 abaixo, é uma foto publicada no instagram da ativista We'e'ena Tikuna como forma de divulgação comercial dos artesanatos criados por ela. O processo de produção das bonecas Tikunas tem duração de três a cinco dias, conforme We'e'ena relatou em entrevista para a Alma Preta Jornalismo no ano de 2021. Ela ainda destacou que em sua produção utiliza-se de materiais como o algodão cru e a fibra vegetal retirada do pé de Tururi.<sup>25</sup>

As bonecas produzidas por We'e'ena apresentam uma pluralidade, nas roupas e formas. Elas trazem os grafismos típicos dos povos indígenas, seus corpos representam o corpo real, sem cintura fina, sem traços lidos como padrões de beleza da sociedade neste momento histórico, e representam os povos indígenas no seu habitat natural e na vivência do cotidiano, como mostrado na figura 06.

**Figura 06** – Divulgação das Bonecas Tikuna.



Fonte: Instagram de We'e'ena Tikuna, 2022.

A artista mencionou em entrevista para a Alma Preta Jornalismo que a ideia de criar as miniaturas surgiu após um convite para desfilar peças de vestuário que são

<sup>25</sup> O Tururi é uma fibra natural vegetal, resistente e flexível que envolve os frutos de uma palmeira chamada Ubuçu.

produtos da sua marca na edição do Brasil Eco Fashion Week em 2019. Segundo a ativista, ela enxergou a partir deste momento uma possibilidade de divulgação e preservação da história dos povos indígenas, em especial a sua aldeia, local que é a inspiração para a produção das bonecas.

## 5.2 Bonecas de Pano de Nossa Senhora das Dores/SE

Assim como ocorre em diversas partes do país, não se sabe ao certo como, nem quando, as bonecas de pano começaram a ser produzidas no município de Nossa Senhora das Dores, no entanto, estes artefatos já fazem parte da história do município e recentemente ganharam o título municipal de Patrimônio Imaterial (2018).

Segundo o historiador local Carvalho (2021), a produção de bonecas de pano no município ganhou visibilidade a partir de uma intervenção artística no Grupo Renovação.

No município de Nossa Senhora das Dores, elas faziam parte do dia a dia das crianças até as últimas décadas do século XX, época na qual perderam espaço para as industrializadas e acabaram desaparecendo. O resgate desse atual símbolo dorense, no entanto, começou a acontecer no início dos anos 2000, pelas mãos de uma professora aposentada e de uma artista plástica. Nessa época, a dorense Hortência Barreto, procurando inspiração para suas pinturas naquelas que foram seu brinquedo de infância, tomou conhecimento da existência de um grupo de idosos na sua terra natal, indo até lá em busca de alguém que ainda fizesse as bruxinhas que povoaram seu imaginário infantil. (CARVALHO, 2021, p. 93).

O Grupo Renovação foi criado em julho de 1997 e tinha por objetivo levar lazer para as pessoas que estavam ingressando na terceira idade. Desde então, desenvolve atividades variadas como confecção de artesanato e oficinas de dança e música, com os/as idoso/as de Nossa Senhora das Dores.

O grupo foi idealizado por Valdete Garcia da Silva (1949-1997), popularmente conhecida como Dona Valdete, e por Terezinha Barboza dos Santos (1930-2013), popularmente conhecida como Dona Terezinha. O Renovação faz parte do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Secretaria Municipal de Assistência Social. A chegada à terceira idade proporcionou para muitas mulheres a participação no grupo e por meio das oficinas que ali foram ministradas, um fazer tradicional foi se restabelecendo.

As bonequeiras mais antigas, relatam que foi a artista plástica Hortência Barreto que levou a ideia da confecção de bonecas para o grupo. A proposta foi aceita por Dona Terezinha, conforme relatado por Dona Corina, já que no princípio o Grupo

Renovação não tinha muitas atividades relacionadas ao fazer artesanal e quando Hortência Barreto apresentou a proposta, muitas se empolgaram a produzir as bonecas.



“Aprendi na infância, mas praticar mesmo foi depois de muitos anos que eu vim morar aqui em Dorés. Hoje já deve ter mais de uns quarenta e poucos anos que eu já moro aqui, aí me juntei com a finada dona Terezinha Barbosa no salão paroquial. Aí um dia veio Hortência Barreto de Aracaju, e disse: dona Terezinha bota essas idosas para fazer alguma coisa para ela não sair de casa e ficar lá só cochilando. Aí nós começamos a costurar as bonecas de pano. Aí foi Hortência Barreto quem incentivou ela. Entendeu? “

Corina Pereira Moura - Artesã Bonequeira, 2023.

A boneca de pano faz parte do imaginário das bonequeiras desde a infância, conforme elas mesmas declararam nas entrevistas realizadas, ao serem questionadas quando aprenderam a fazer bonecas. Todas disseram que foi na infância, umas foram aprendizes das próprias mães e outras das avós.

As bonecas também estão presentes no imaginário da população, e foi por essa razão que Hortência Barreto voltou ao seu município de origem em busca desse artesanato que povoava o seu inconsciente. No livro *Organza* a própria artista salientou que:

O trabalho das bordadeiras, rendeiras e costureiras povoou sempre a minha infância. Minha avó, tia-avó e minha mãe costuravam, bordavam e fiavam a trama, a linha do que viria a ser meu universo poético. Nessa época, eu e minhas irmãs ganhamos nossa primeira boneca de pano. Aqui, a memória alicia o tempo e o passado colado ao presente, veste as telas de rendas, linhas, chitões, retalhos, poemas, sianinhas. São lembranças de uma infância onde se bordava sobre o bastidor dos sonhos, brincadeiras, romances, enxovais. (BARRETO, 2009 p. 11).

Ainda de acordo com a autora, o livro que ela publicou teve como objetivo revelar as memórias de sua infância. Em uma entrevista, a artista conta como conheceu o Grupo Renovação. Ao buscar por uma bonequeira, ela se deparou com várias idosas que eram capazes de recriar aquele brinquedo que aprenderam com suas famílias antepassadas e assim relembrar suas infâncias.



“Eu queria encontrar, na realidade, alguma ex-bonequeira da minha infância, né? Mas não existia. Aí uma prima minha, de Nossa Senhora das Dores, da família da minha mãe, procurou e não achou. Passei o final de semana nessa busca lá na cidade, foi quando minha prima falou do grupo de idosos e me propôs ir na casa da coordenadora, Dona Terezinha. Eu fui, expliquei pra ela dá importância e pedi para ela perguntar no grupo de 100 idosas se alguma delas fazia ou se interessaria em fazer bonecas. 15 dias depois Dona Terezinha me disse que umas 20 tinham aceitado o desafio e já haviam produzido uma caixa cheia de bonecas. “

Maria Hortência de Araújo Barreto, Artista Plástica, 2023.

Após esse encontro, Hortência ministrou oficinas para o Grupo Renovação. De acordo com a artista, as bonecas de pano foram expostas em várias ocasiões, inclusive em outros países.

A partir daí elaborei mil projetos aqui em Aracaju com o intuito de divulgar as bonecas e vendê-las, para incentivar nossas bonequeiras. Levei dezenas de vezes para o Rio de Janeiro e São Paulo as bonecas para serem vendidas, juntamente às minhas exposições. A renda era para elas. Levei para o exterior onde fiz várias exposições, tais como: Roma, Paris, Biarritz, Nova York, Miami, New Orleans, Barcelona e Alemanha. Expus no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, USP em 2005, e as bonecas, de novo, presentes. (HORTÊNCIA 2023)

Esse contato com as bonequeiras e as memórias da sua infância, culminaram na publicação, em 2009, do catálogo artístico Organza (figura 07). O lançamento fez parte de uma iniciativa do Instituto Banese, e trouxe fotos, pinturas e poesias, mas tinha nas bonecas de pano, seu tema central.

**Figura 07** – Capa do Catálogo Horganza.



Fonte: Fotografia feita pelo próprio autor, em 2022.

A confecção de bonecas de pano por parte das integrantes do grupo, possibilitou para elas mudanças no convívio social. Dona Jacira, por exemplo, que estava vivendo um momento delicado em sua vida pessoal, relata que entrou no Renovação, influenciada por uma amiga que já participava.



“Já tem bem uns trinta e cinco anos, que foi na minha separação, que eu fiquei com problema de depressão. Aí uma senhora, ela já morreu, finada Lizete me levou para o grupo da finada Terezinha. Quando chegou lá eu me diverti muito, me distraí, melhorei, depois chegou Hortênsia aí disse: “Dona Terezinha vamos ensinar essas meninas a fazer alguma criatividade”. Aí a finada Terezinha concordou, a gente começou a fazer cada bruxinha feia, nós zombávamos umas das outras. Depois foram ficando mais bonitinhas, e eu vendia nas feirinhas. Já vendi até em Juazeiro. Eu ia pra Juazeiro levava as minhas bonecas e vendia em Juazeiro. Não voltava com nenhuma. Mais de 100 bonecas eu vendia.”

Jacira Silva de Souza - Artesã Bonequeira, 2023.

A confecção do artesanato proporcionou para as bonequeiras inúmeras oportunidades de participação de feiras e festivais de artesanato, expondo e vendendo suas obras de arte, dentro e fora dos limites do município. A figura 08, compartilhada por Dona Jacira, mostra sua participação no festival de gastronomia.

**Figura 08** – Bonequeiras no Festival da Gastronomia.



Fonte: Arquivo pessoal da bonequeira Jacira, 2021.

A boneca de pano traz ganhos para a economia da cidade, tendo em vista que para algumas bonequeiras, a venda destes artesanatos serve de complemento de renda. Quando foram questionadas a respeito da finalidade da produção de bonecas, quase todas relataram que faziam para vender, no entanto não sobreviviam da venda de bonecas. Essa atividade serviu e serve como uma complementação de renda. Dona Lourdes relata a satisfação que fica sempre que alguém encomenda uma boneca.



“Eu faço pra vender sabe, meu filho? Não é que eu viva de vender bonecas. Tenho outros trabalhos, mas a venda de bonecas ajuda. Às vezes vem alguém e faz uma encomenda e eu aceito, fico feliz porque vou fazer o que gosto, eu gosto de fazer as bonecas e também porque vou ganhar um trocado extra.”

Maria de Lourdes dos Santos - Artesã Bonequeira, 2023.

A bonequeira Ivalda, dentre as entrevistas, foi a única que não declarou vender suas peças artesanais. Segundo a artesã, ela costuma doar suas bonecas para as crianças que aparecem em sua casa.



“A finalidade que eu faço é dar mesmo pra criança brincar. Dar, não tenho a finalidade de vender não. Chegar uma criança aqui hoje... quer brincar, vai passar o dia aqui, mas eu quero brincar, perai que eu vou buscar ali, que eu tenho uma caixa ali, tome, vá ajeitar, ajeitar aqui, vê se você consegue fazer uma blusinha aqui, vá um vestidinho. Eu pego e pronto.”

Ivalda Vieira dos Santos - Artesã Bonequeira, 2023.

Ao serem questionadas sobre os processos criativos, as bonequeiras mencionaram que se inspiram no cotidiano delas mesmas. Dona Fernanda declarou que já confeccionou bonecas inspiradas em diversos símbolos municipais (figura 09), como por exemplo, representando a santa padroeira de Nossa Senhora das Dores, a procissão do madeiro, os penitentes e até um peregrino representando o cruzeiro do século. Todas representam importantes manifestações da fé católica no período da semana santa.

**Figura 09** – Bonecas de pano representando as manifestações religiosas.



Fonte: Fotografia feita pelo próprio autor do arquivo pessoal de Ari Pereira, em 2022.

Dona Fernanda nos contou que gosta de observar as pessoas ao seu redor e que a partir da observação ela se inspira para a confecção de suas obras de arte, inclusive que tem preferência em fazer bonecas com o tom de pele que não seja aquele branco algodão dos tecidos.

A artesã afirma que a representatividade das pessoas da região é algo que acontece de forma espontânea em seu processo criativo. Ela observa as pessoas e, segundo ela, sem perceber acaba criando uma boneca que reflete as características daqueles que vivem em seu entorno. A pluralidade étnica é tratada pela bonequeira sem que ela precise utilizar nenhum conceito filosófico.



“Eu sou morena e você percebeu que nós nordestinos, todos somos um pouco amorenados. Você percebeu que as pessoas aqui têm o rostinho redondo? Sem querer você vai assimilando as coisas da cidade. Já me perguntaram uma vez, assim: “você faz boneca morena, porquê?” Eu respondi: “porque ninguém é branco da cor daquele pano da boneca”. Então tem que fazer uma boneca também morena. Eu gosto de fazer morena que é pra que elas fiquem da minha cor, ou seja, olhe ao nosso redor, estamos nós aqui, oh! Mas quase todo mundo é da mesma cor, você percebeu? E o nordestino até tem aquele brancão, que é branco, mas a maioria de nós que somos descendentes dos indígenas e aqui em Sergipe foram eles quem defendeu o estado brigando com a Bahia.”

Maria Fernanda Rodrigues da Silva - Artesã Bonequeira, 2022.

Ainda tratando a respeito do processo criativo, as entrevistas, ocorreram nas residências das bonequeiras, e nos proporcionaram observar que cada bonequeira exerce esse ofício dividindo os trabalhos artesanais com as atividades do lar, por isso não há um prazo fixo para a criação de uma boneca de pano, em razão dessa atenção dividida com as tarefas domésticas. Dona Fernanda relata que quando há demanda por encomendas grandes, ela dedica-se a finalizar a encomenda e deixa de lado as atividades domésticas.



“Eu costumo fazer as bonecas como forma de relaxar e distração, pois já sou aposentada. Então faço artesanato quando finalizo meus serviços domésticos, mas já aconteceu de receber uma encomenda grande, aí para entregar no dia que prometi, eu deixei a casa de lado e me dediquei apenas as bonecas, para não perder tempo e também cumprir com o combinado com quem fez a encomenda. “

Maria Fernanda Rodrigues da Silva - Artesã Bonequeira, 2022.

Todas relataram que o processo criativo acontece em pelo menos dois dias, ou melhor, duas tardes e/ou duas noites. Um dia para o corte do tecido e a costura do corpo e outro dia adornos, vestimentas e enfeites (entenda-se dia como espaço de tempo com um intervalo).



“Olha eu consigo fazer dez bonecas num dia. Se eu fizer só aquilo, né? Mas normalmente eu só pego para fazer no período da tarde e da noite. No período da manhã eu não consigo fazer porque pela manhã eu nunca sei fazer nada de artesanato. Eu cuido dos afazeres de casa né, e só sei me dedicar no horário da tarde e da noite. Aí eu faço.”

Hosanira Ferreira - Artesã bonequeira, 2023.

No dia em que entrevistamos Dona Corina, ela nos mostrou diversos corpinhos de bonecas já preenchidos da noite anterior e prontos para serem embelezados na cabeça, cabelo e vestuário, como é demonstrado na figura 10. Segundo ela, “costumo encher os corpinhos durante a noite, enquanto assisto a novela, e as deixo prontas para na próxima noite dar continuidade à criação.”

**Figura 10** – Processo de criação de uma boneca



Fonte: Fotografia feita pelo próprio autor, em 2023.

### **5.3 Patrimonialização das Bonecas de Pano de Nossa Senhora das Dores**

Em 2018, o então vereador Professor José Erivaldo de Oliveira, popularmente conhecido por professor Vado, elaborou o projeto de lei que foi apresentado para o legislativo municipal, aprovado por eles, e sancionado pelo poder executivo no qual declara como patrimônio imaterial as bonecas de pano. Segundo o professor, os estudos para a criação do projeto tiveram sustentação nas pesquisas realizadas pelos participantes do Projeto Memórias e da ADL.

Os estudos citados pelo ex-vereador resultaram em um livro publicado no ano seguinte com título Nossa Terra tem História, do membro da ADL, Me. João Paulo de Carvalho. Ainda de acordo com relato pelo professor a iniciativa pretendia tornar as bonecas mais conhecidas e assegurar na lei a importância deste artesanato para o município. Dessa forma, outros agentes públicos poderiam ter a iniciativa de criação de projetos para a perpetuação do saber fazer.



“Eu avalio que em termos de lei, o objetivo foi alcançado, sim ela está ali, está mantida. Então qualquer época, qualquer período que alguém desejar legalmente fazer projetos de incentivo à produção, eles terão como movimentar, tem o respaldo, por exemplo, aplicar recursos de uma lei para incentivar projetos relacionados a elas. Eu entendo a visão de cada um, e tenho a minha que é uma visão do futuro, não é a visão momentânea, uma visão de futuro para aumentar. Isso vale para o esporte, vale para os pequenos agricultores, né? E vale para as artesãs também.”

José Erivaldo de Oliveira – ex-vereador proponente da lei, 2013

O processo de patrimonialização das bonecas de pano de Nossa Senhora das Dores, aconteceu dentro do que se pode chamar de “ritual legislativo”. Neste ritual, o projeto de lei é protocolado na câmara de vereadores, a partir desse momento do protocolo o processo aguarda para ser inserido na pauta de alguma sessão. Quando finalmente ele passa a fazer parte da pauta de discursos pelos parlamentares, o projeto é apresentado através do seu proponente para os demais parlamentares presentes na sessão. Não havendo nenhum membro presente que peça vistas do projeto para analisá-lo melhor, ele é votado para aprovação ou rejeição. Havendo a aprovação, o projeto de lei será encaminhado ao poder executivo municipal o qual deverá sancioná-lo e torná-lo lei. Esse foi o caminho percorrido pelo Projeto de Lei Nº 009/2018, de 26 de fevereiro de 2018, de autoria do Ex-Vereador José Erivaldo de Oliveira (Professor Vado).

O processo de patrimonialização realizado pelo IPHAN dispõe de mecanismos que justificam o movimento de elevar um bem como referência cultural à categoria de patrimônio, como já dito, se faz necessário a publicação de um marco legal que crie um órgão responsável por realizar ou orientar e organizar como deve acontecer o processo na esfera federal, bem como homologar a patrimonialização por meio da entrega da certidão de patrimônio.

Ao analisarmos esse “ritual legislativo” ocorrido em Nossa Senhora das Dores, e compararmos com o âmbito estadual, percebemos que embora o estado disponha de mecanismos de orientação como é o caso do Conselho Estadual de Cultura e do Departamento de Patrimônio Histórico dentro da estrutura da FUNCAP/SE para

orientar e realizar o processo de patrimonialização, na Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe acontecem rituais como o ocorrido em Nossa Senhora das Dores, e por diversas vezes o estado passa a ter um patrimônio imaterial sem cumprir as etapas, apenas por força de lei aprovada e sancionada.

Quando examinamos a patrimonialização das bonecas de pano em Nossa Senhora das Dores, percebemos que não há uma relação com os processos realizados pelo IPHAN. Fica evidente que não há, no âmbito municipal, um órgão ou instituição que cuide da patrimonialização dos bens (materiais e/ou imateriais). E ainda é possível observar que não há uma lei específica no âmbito municipal que crie (um setor, serviço ou departamento) dentro da secretaria Municipal de Cultura que seja responsável por orientar e executar o processo de patrimonialização.

Notamos também que não foram criados os livros de registros, conforme acontece nas esferas estadual e federal, os quais registram: os Saberes; as Celebrações; as Formas de Expressão e os Lugares (BRASIL, 2000). Notamos ainda que as etapas de análise, documentação e identificação, as quais o IPHAN realiza ao intencionar elevar algo à categoria de patrimônio, também não foram totalmente realizadas, em Nossa Senhoras das Dores.

Ao visitarmos as bonequeiras para essa pesquisa, elas foram questionadas sobre quais eram as suas perspectivas acerca da patrimonialização das bonecas de pano, com a aprovação da Lei 326/2018. As entrevistadas apresentaram respostas convergentes. Elas se declararam felizes com esse acontecimento ao mesmo tempo em que reconheceram que não há ações de incentivo para que outras pessoas mais jovens se interessem em produzir o artesanato, como por exemplo um curso de bonequeiras. Ivalda relatou que participou, como auxiliar da professora, de um curso que ensinava a produzir bonecas. Segundo ela, há pelo menos 4 anos não acontecem ações desse tipo que resultem na transmissão desse saber fazer para outras pessoas.



“Eu penso assim, que em nossa cidade como a boneca de pano é vista como uma referência, deveria ter ao menos uma vez por ano ou a cada dois anos um cursinho na escola. Para mostrar às crianças, à população de hoje em dia, essas meninas de hoje em dia que antigamente existiam muito essas bonecas; que não tinha essas bonecas de plástico; não tinha essas bonecas que falassem nem esses cabelos coloridos nem nada. Aqui já teve uma época que teve um curso de boneca em Nossa Senhora das Dores. E eu fui auxiliar da professora do curso de boneca que teve no CREAS, na época foi no CREAS que o curso de bonecas aconteceu. Esse curso de bonecas foi muito proveitoso. Mas já faz tempo, tem uns quatro a cinco anos, eu acho”.

Ivalda Vieira dos Santos - Artesã Bonequeira, 2023.

Incentivar a transmissão do saber fazer bonecas de pano é crucial para garantir que sempre haja pessoas capazes de produzi-las e contar a história desse bem patrimonializado. Segundo as bonequeiras o último curso que foi ofertado pela prefeitura aconteceu foi em 2018 por meio do Projeto Tecendo Histórias Costurando Vidas<sup>26</sup>. Na busca por entender o sentimento que há entre o artista e o significado de sua obra, indagamos as bonequeiras sobre o que era necessário para ser uma boa bonequeira, algumas até se emocionaram ao responder. A maioria delas disse que seria necessário dedicação e amor. Dona Hosanira por exemplo declara que seria necessário ter "*Amor. Muito amor, muita dedicação e gostar do que faz.*" (Hosanira, 2023) Já Dona Ivalda nos surpreendeu com a resposta, pois para ela o que seria necessário para ser uma boa bonequeira seria "*ter uma criança dentro de si, pois se ela não for criança, nunca foi criança, nunca brincou entendeu? Ela não conseguirá fazer uma boneca*" (Ivalda 2023). Em alguns momentos das entrevistas, foi possível verificar que as lembranças das bonequeiras remetem à uma nostalgia pela infância.

Ao questioná-las a respeito de qual o uso das bonecas de pano, na contemporaneidade, as respostas giraram em torno da infância e das memórias afetivas, Dona Hosanira relata acreditar que hajam pelo menos dois tipos de usos dos artesanatos. Segundo a bonequeira, as pessoas comprem uma boneca de pano "*como uma lembrança, tipo como algo daquela cidade, uma lembrança daquela cidade. Ou então para presentear a uma criança também*" (Hosanira 2023).

---

<sup>26</sup> O Projeto Tecendo Histórias Costurando Vidas ofertou oficinas de confecção de bonecas, este projeto foi desenvolvido pela Secretaria de Assistência Social do município no CREAS

## 6. ESTRATÉGIAS DE SALVAGUARDA DA CULTURA POPULAR

Neste capítulo, pretende-se discutir o significado de salvaguarda do patrimônio imaterial, tratar de dois exemplos do patrimônio imaterial que foram elementares para a demarcação de territórios protegidos pelo Estado Nacional, bem como apontar estratégias de salvaguarda realizadas em Divina Pastora e exemplos de ações em Nossa Senhora das Dores que estimulam a produção artesanal.

### 6.1 O Imaterial como elemento demarcador da salvaguarda

A salvaguarda do patrimônio imaterial tem sido uma preocupação crescente em todo o mundo nas últimas décadas. A UNESCO tem estimulado, internacionalmente para proteger e promover o patrimônio imaterial, sendo este definido como "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e habilidades - assim como os instrumentos, objetos, esculturas e espaços culturais associados a elas - que as comunidades, grupos e, em alguns casos, indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural".

A Convenção da UNESCO sobre a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, em 2003, constituiu-se como um instrumento internacional que buscou orientar como se deve proteger e promover a diversidade cultural e o patrimônio imaterial em todo o mundo. Ela reconhece a importância do patrimônio cultural imaterial como expressão das tradições, conhecimentos e práticas transmitidas de geração em geração.

A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial é baseada em princípios fundamentais, como o respeito à diversidade cultural, a participação das comunidades detentoras do conhecimento e práticas, a sustentabilidade, a criatividade e a inovação. A convenção incentivou os Estados-membros a adotarem medidas para identificar, documentar, proteger, promover e transmitir seu patrimônio cultural imaterial.

Os países do continente americano, em 2006, juntaram-se e formaram o Centro Regional para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da América Latina - CRESPIAL. O centro tem por objetivo promover e apoiar ações de salvaguarda e proteção do vasto patrimônio cultural imaterial dos povos da América Latina e conta com a participação de 15 países, são eles: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Equador, Guatemala, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

Existem várias abordagens para a salvaguarda do patrimônio imaterial, incluindo os documentos, a revitalização e a promoção. A documentação envolve a coleta e a preservação de informações sobre práticas culturais, muitas vezes por meio de áudio, vídeo, fotografias, entrevistas e outras técnicas. A revitalização envolve a recuperação e a preservação de práticas culturais que podem estar em risco de extinção, por meio do ensino e da transmissão de habilidades e conhecimentos às gerações mais jovens. A promoção envolve a valorização e divulgação de práticas culturais, muitas vezes por meio de festivais, exposições e outras atividades públicas.

Um exemplo de salvaguarda do patrimônio imaterial é o caso relatado por Grunewald (1997), que traz a situação dos indígenas Atikum, que tiveram o reconhecimento das terras da Serra do Umã como território indígena. No passado, a Serra do Umã foi reduto de diversas etnias indígenas. Grunewald (1997), explica que desde o início do século XIX não se tinha notícias de índios morando na região, até que, na década de 1940, um grupo se afirmando como caboclos descendentes de índios reivindica junto ao Serviço de Proteção ao Índio - SPI, o reconhecimento oficial.

No processo de formação de um grupo étnico, seus membros almejam criar sua própria cultura, em contraposição à cultura que emana de sua posição de opressão, o que se pode entender como uma tentativa de construir sua própria história de dentro para fora. No caso Atikum, para que o SPI reconhecesse essa etnia, foi necessário apresentar uma tradição esquecida ou desconhecida pelos caboclos, como o toré<sup>27</sup>, como prova. Em 1949, os caboclos foram reconhecidos como indígenas pelo Estado, e foi fundada a área indígena Atikum.

Embora a preservação do patrimônio imaterial possa parecer uma tarefa desafiadora, é importante reconhecer que cada prática cultural é única e requer abordagens específicas para sua preservação e promoção. É crucial envolver as comunidades locais no processo de salvaguarda, pois são elas que possuem o conhecimento e as habilidades necessárias para manter as tradições vivas. A pesquisa de campo nos levou a entender que o processo de patrimonialização das bonecas de pano de Nossa Senhora das Dores não envolveu a comunidade nem as detentoras do saber fazer. Além disso, é necessário apoio governamental e recursos financeiros para implementar efetivamente as estratégias de salvaguarda. Ao entrevistarmos os

---

<sup>27</sup> O Toré trata-se de uma manifestação cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música, religiosidade e brincadeira.

representantes governamentais, é perceptível que não há uma preocupação do poder executivo em destinar recurso por meio de dotação orçamentária que tenha como finalidade empregar recursos para políticas públicas de salvaguarda do patrimônio. A salvaguarda do patrimônio imaterial deve ser um esforço contínuo e colaborativo que requer compromisso, respeito e valorização das práticas culturais de diferentes comunidades em todo o mundo.

A cultura popular é composta por uma ampla variedade de tradições, práticas e expressões que são transmitidas de geração em geração. Estas formas de cultura são geralmente criadas e desenvolvidas pela população, e não por especialistas ou instituições oficiais. Infelizmente, a cultura popular pode estar ameaçada por diversos fatores, como a urbanização, a globalização, a homogeneização cultural e a falta de apoio institucional. Por isso, torna-se importante adotar estratégias de salvaguarda da cultura popular, a fim de proteger e preservar essas expressões culturais para as futuras gerações.

## **6.2 Salvaguarda e o Estímulo à Produção Artesanal**

Uma das estratégias eficazes para salvaguardar a cultura popular é o registro e a documentação dessas expressões culturais. A catalogação do patrimônio pode ser realizada por meio da documentação, é possível registrar e preservar as tradições, práticas e expressões culturais de uma determinada comunidade, garantindo que elas não sejam esquecidas ou perdidas com o tempo. Além disso, os documentos podem servir como fonte de informação para estudos e pesquisas futuras que servem para o conhecimento, fortalecimento e valorização da cultura popular. Em Nossa Senhora das Dores, conforme apresentado no capítulo anterior, o artesanato bonecas de pano foi alçado à categoria de patrimônio, no entanto, não foram criados livros de registro que possam descrever o saber fazer deste artesanato.

Outra estratégia de salvaguarda da cultura popular é o fortalecimento das comunidades que mantêm essas tradições. É importante apoiar as comunidades que são detentoras de um saber tradicional, oferecendo recursos e suporte para que elas possam continuar a praticar e transmitir as tradições. Além disso, é fundamental promover o diálogo e a colaboração entre as comunidades, para que elas possam compartilhar conhecimentos e experiências, fortalecendo assim a cultura popular em geral.

O município de Divina Pastora possui duas associações, que cuidam da manutenção do saber fazer renda: a Associação para o Desenvolvimento de Renda Irlandesa de Divina Pastora - ASDERE e a Associação das Rendeiras Independentes de Divina Pastora - ASDRIN. As agremiações têm em comum o objetivo de manter viva a tradição que foi passada de geração em geração na cidade, que é a arte de fazer renda irlandesa.

Entendemos que não basta a existência da associação. Ela precisa ser atuante, participando ou promovendo projetos que instiguem aos mais jovens a apropriação do saber fazer artesanato, como por exemplo no caso recente em Divina Pastora participação em editais que estimulam a produção cultural, como os editais da Lei nº 14.017/2020, conhecida como Lei Aldir Blanc que destinou ações emergenciais do setor cultural em virtude da pandemia do Covid-19. A associação de Divina Pastora foi contemplada no edital municipal com verba e teve como contrapartidas oferecer oficinas de criação de renda irlandesa para estudantes de escola pública que tivessem entre 14 e 17 anos.

É imprescindível que as tradições e práticas culturais sejam transmitidas entre as gerações, a fim de garantir a continuidade dessas expressões. Isso pode ser feito por meio de atividades educativas, como aulas e oficinas, que ensinam as práticas culturais para os jovens e incentivam a sua participação nas tradições da comunidade. Além disso, é importante envolver as gerações mais velhas, valorizando o seu conhecimento e experiência e incentivando-os a transmitir essas expressões culturais para a geração mais jovem.

Outra estratégia importante é o reconhecimento e a proteção legal das expressões culturais da população. O reconhecimento oficial pode trazer maior visibilidade e respeito para as tradições e práticas culturais, além de garantir sua proteção contra possíveis ameaças. A proteção legal pode incluir a criação de leis que impeçam a apropriação das tradições culturais, a proteção de territórios e espaços culturais, e o incentivo à criação de políticas públicas que valorizem e apoiem a cultura popular. Em Nossa Senhora das Dores a lei foi criada conforme afirmou o ex-vereador proponente da lei “a criação da lei buscou garantir que esse patrimônio não seja esquecido” (Vado 2023). O Estado de Sergipe por sua vez, publicou a Lei nº 9.088, de 23 de agosto de 2022, a qual Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem o Patrimônio Histórico e Cultural do Estado de Sergipe e o Programa Estadual do Patrimônio Imaterial. A lei instituiu, no âmbito da Fundação de

Cultura e Arte Aperipê de Sergipe - FUNCAP/SE, o "Programa Estadual do Patrimônio Imaterial", programa este que visa à implementação de política específica de pesquisa, inventário cultural, referenciamento, difusão e valorização dos patrimônios imateriais.

Em Nossa Senhora das Dores apenas foi criada a lei que declara as bonecas de pano como patrimônio imaterial. A estrutura da secretaria municipal de cultura não dispõe de um setor nem de um grupo de técnicos preparados para cuidar dos bens patrimonializados. O Secretário Municipal de Cultura, Sr. Walmir Pereira Santos, reconhece essa fragilidade na estrutura.



“A secretaria possui uma estrutura pequena e somos um total de quatro funcionários e não há verbas destinadas. A gente não tem essa verba que a assistência tem, a educação tem, que possa ser usada: “ah, eu vou gastar um determinado valor aqui, porque eu tenho esse dinheiro. Não”. Eu posso gastar até cem mil, desde quando o prefeito autorize, desde quando o setor de finanças autoriza, porque a gente não tem realmente. ”

Walmir Pereira Santos - Secretário Municipal de Cultura. 2023

Quanto ao que se refere à valorização e propagação do saber fazer das bonecas de pano, a Secretária Municipal de Educação, Senhora Anabel Santos, vislumbra uma possibilidade positiva de aumento da divulgação e valorização do patrimônio imaterial, uma vez que com a implementação do currículo de Sergipe, a rede municipal criou um componente curricular que tratará da dorensinidade. Segundo a secretária:



“Com a implementação do currículo a gente pretende o quê? Pegar uma aula de história e colocar pra Dorensinidade. Porque a gente sabe que é uma temática necessária né? Você falar sobre o lugar que você vive, a sua origem e a cultura. Para o componente estamos criando um caderno da Dorensinidade e dentro dessa arrumação do caderno vamos ter como objeto de conhecimento a cultura, as bonequeiras, a questão da religiosidade, a questão da da contribuição artística do município de Dores.”

Anabel Santos - Secretária Municipal de Educação

A implementação de um componente curricular específico para tratar das manifestações culturais do município poderá possibilitar uma maior amplitude na familiarização com o artesanato patrimonializado. No entanto, a ação não inclui o ensinar fazer o artesanato elevado à categoria de patrimônio, por exemplo as bonecas de pano. Segundo a Secretária de Educação, *“o componente tratará da história do artefato, quem são as pessoas que o produzem e quais os seus usos na região”* (Anabel, 2023). Ou seja, é uma iniciativa pontual e insuficiente para contribuir com a valorização desse saber.

Durante a entrevista a secretária reconheceu que só ensinar a teoria poderia não ser o suficiente para a difusão do patrimônio imaterial, pois na proposta de inclusão do componente curricular não há uma previsão do ensino do saber fazer na prática. Por conta disto, foi sugerido a ela incluir oficinas para ensinar a produção do artesanato em turmas de Educação de Jovens e Adultos. Essa medida pode ter a difusão do saber fazer, e poderá incentivar a permanência na escola, bem como, poderá aumentar o número de pessoas que conhecerão o fazer artesanal das bonecas.

Já na Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico do município de Nossa Senhora das Dores, segundo o secretário, eles buscam valorizar e promover a renda econômica para os artesãos. O secretário firmou parceria com uma loja do comércio local, para que os produtos artesanais produzidos no município pudessem ser comercializados no estabelecimento. Desse modo, incentiva o desenvolvimento artesanal e a geração de renda. Segundo o secretário, o Sr. João Araújo Lima, essa ação trata-se de um plano B, sendo executado a priori, pois o intuito é que o próprio município tenha um ponto de venda de artesanatos sob a responsabilidade do poder público. O secretário afirma que



“A Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico tem uma preocupação com a economia. A gente sabe a importância, o fundamento cultural da boneca de pano, que é uma marca tradicional de Dores do nosso artesanato. Só que é o seguinte, a gente se preocupa em fazer com que essas pessoas produzam e vendam o que elas produzem. Eu procurei uma empresa bem localizada, extremamente profissional, idônea, um ponto de venda, um dos melhores que existem na cidade. Então, nós fizemos uma reunião, intermediamos esses contatos e aí a empresa designou um espaço, criou um *corner* bem bonitinho, onde são oferecidos os artesanatos dorenses. Inclusive para as bonequeiras também é uma tranquilidade porque vende e recebe. Não tem aquela de vender e às vezes a pessoa não paga. E quanto mais elas venderem, elas vão ser estimuladas a produzir.”

João Araújo Lima - Secretário Municipal de Turismo e Desenvolvimento Econômico

A iniciativa de incluir o artesanato local no comércio, foi citado por algumas bonequeiras que ali expõem os seus produtos para a comercialização. Há também as que preferiram não fazer essa parceria, segundo uma delas, dona Jacira, por questões de saúde. Segundo ela, “*após a pandemia de covid 19 a sua visão não mais a mesma e por essa razão tem produzido pouco.*” A figura 11 mostra o espaço do centro comercial no qual estão disponibilizadas peças do artesanato dorense dentre as quais estão as bonecas.

**Figura 11** – Espaço reservado a exposição do artesanato local



Fonte: Fotografia feita pelo próprio autor, em 2023.

É possível observar a partir da figura 12, que as variadas peças artesanais estão em um ambiente centralizado e de grande visibilidade para os visitantes da loja. Iniciativas como esta ainda não resolvem as implicações encontradas no processo de patrimonialização das bonecas de pano, mas certamente instiga o consumo destes patrimônios imateriais do município. As estratégias de salvaguarda da cultura popular são essenciais para preservar e promover as tradições, práticas e expressões culturais da população.

É importante que sejam adotadas ações concretas para regulamentar o processo de patrimonialização. A Secretaria Municipal de Cultura necessita criar um setor/departamento que trate especificamente da regulamentação da documentação dos bens patrimonializados sejam eles materiais ou imateriais. A tarefa inicial para o setor de patrimonialização seria documentar os bens já patrimonializados e divulgar para a população, esta é uma das maneiras para resguardar a tradição dos bens patrimonializados.

A Secretaria de Cultura poderia firmar parceria com outras secretarias a exemplo da Educação e montar um minicurso que tratasse inicialmente da educação patrimonial imateriais a ser ministrado para os componentes do poder executivo, estendido aos assessores e outras secretarias municipais. Em seguida, sobre o processo de patrimonialização, para que haja o entendimento dos passos necessários para a propositura de uma lei que torne algo patrimônio do município.

A Secretária de Cultura do município enquanto órgão governamental poderia (e poderá) apoiar-se em instrumentos federais como as leis Aldir Blanc que tem por finalidade garantir ações para auxiliar artistas, técnicos, produtores culturais e demais trabalhadores da cultura, além de preservar espaços culturais que foram impactados pelas restrições impostas pela pandemia. A partir desta lei é possível desenvolver e incentivar a criação de projetos, livros, cursos e oficinas que valorizem as artesãs bonequeiras e conte suas histórias e divulgue os seus saberes e fazeres.

Semelhantemente, a lei Paulo Gustavo, lançada recentemente pelo governo federal, poderá ser utilizada como instrumento de incentivo para a produção de documentários e vídeos onde as artesãs bonequeiras possam ser protagonistas com suas obras artesanais que já são patrimônio da cidade e que possam ser trabalhados nas escolas, bem como, que elas possam ofertar cursos com o objetivo de ensinar a fazer bonecas de pano.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha por escrever a respeito da patrimonialização das bonecas de pano em Nossa Senhora das Dores/SE e conseqüentemente sobre o fortalecimento da cultura popular a partir deste evento, surgiu em virtude da minha experiência pessoal observando a vasta produção artesanal no município.

O arcabouço teórico nos possibilitou tratar da importância das culturas populares, desde a Europa por meio dos estudos publicados por Peter Burke (1989), Hall (2003) e outros teóricos, como também de qual forma essa valorização da Cultura popular ocorre na América Latina, no Brasil e em Sergipe. Foi importante também discorrer a respeito de pesquisadores sergipanos que abriram os caminhos da pesquisa na cultura popular em Sergipe como Sílvio Romero quando o tema ainda restringia-se a folclore e Aglaé D'ávila e Beatriz Góis Dantas duas ilustres sergipanas que trabalharam com as infinitas possibilidades de abordagem da cultura popular.

A história do artesanato também foi revisitada, tornando possível a reflexão a respeito de seu surgimento além de qual é a sua função ao longo da história da humanidade. Por meio das reflexões realizadas por Abreu (2015), constatamos que a cultura e o patrimônio foram alvo de vários movimentos no ocidente moderno, que incluíram a criação de agências nacionais e internacionais, a formação de agentes e a definição de políticas, com o objetivo de promover a preservação. Ainda foi possível apresentar dois exemplos de artesanatos enquanto referências culturais que foram patrimonializados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, a Renda Irlandesa de Divina Pastora (SE) e as Bonecas Karajás (GO), são exemplos de patrimônios que cumpriram os requisitos legais para serem reconhecidas como patrimônio imaterial brasileiro.

As pesquisas nos possibilitaram encontrar bonecas de pano que são referências na cultura popular e tornaram-se símbolos da preservação e resistência, a exemplo da cultura e história do povo Tikuna. Ao demonstrar os resultados das entrevistas a respeito da história das bonecas de pano produzidas no município de Nossa Senhora das Dores/SE, verificamos que há diversas versões para o surgimento desse patrimônio no município.

O nosso encontro com as bonequeiras nos permitiu conhecer melhor o universo em que essas artesãs estão imersas, quais suas fontes de inspiração e referências, as razões que as fazem produzir esse artesanato, as técnicas e materiais utilizados na

produção, o que as diferencia enquanto produtoras do bem imaterial. Ouvimos ainda quais eram as opiniões das bonequeiras sobre o processo de patrimonialização, compreendemos que embora todas reconheçam o sancionamento da lei como um marco importante, as mesmas, entendem que são poucos os incentivos por parte do poder público municipal que estimulem a transmissão do saber fazer bonecas. Algumas ainda citaram as tecnologias e a industrialização dos brinquedos como elemento motivador para gerar o desinteresse dos jovens sobre esses elementos.

As entrevistas com representantes do poder público municipal, fizeram-nos compreender o quão insuficientes são as estratégias utilizadas na tentativa de estimular a preservação dos bens imateriais do município, bem como a falta de estrutura da secretaria municipal de cultura, a exemplo da ausência de um setor ou departamento específico que cuide dos bens patrimonializados.

Notamos que algumas iniciativas dos órgãos municipais, embora sejam pequenas, apontam caminhos futuros que poderão fortalecer e estimular mais conhecimentos sobre as bonecas de pano e seu universo em Nossa Senhora das Dores, como a inclusão de um componente curricular que terá como objeto de estudo os elementos culturais do município, outra iniciativa que incentiva a divulgação e a comercialização dos artesanatos é a possibilidade de venda em lojas do comércio local. Ações como estas que possam assegurar a salvaguarda, e outras que tenham como objetivo a difusão do bem patrimonializado e a transmissão do saber fazer devem tornar-se políticas públicas para que não corra o risco de estar ligado a uma ação de governo A ou B, sendo políticas públicas terá sua execução garantida.

O patrimônio imaterial precisa de estratégias de salvaguarda que garantam a preservação das tradições culturais, conhecimentos e expressões vivas de uma comunidade ou grupo. A pesquisa demonstrou que em Nossa Senhora das Dores há uma fragilidade no que se refere a essas estratégias. A aprovação da lei por si só não é capaz de salvaguardar e transmitir o saber fazer do bem patrimonializado. Faz-se necessário que o poder público atue com iniciativas que possam garantir a perpetuação do patrimônio e a transmissão do saber fazer.

Percebemos que a relevância da produção artesanal das bonecas de pano como instrumento de fortalecimento da cultura popular local acontece por sua representatividade no que se refere ao apelo emocional e estético de alcance limitado junto à população dorense. Elas transmitem uma sensação de individualidade, criatividade e cuidado dedicado a cada peça. Ao adquirir uma boneca de pano, as

peessoas se conectam com suas lembranças da infância e em alguns casos com as histórias e a personalidade da artesã.

Ao investigarmos qual forma ocorre a transmissão do saber das bonequeiras e quais usos e funções são atribuídas às bonecas de pano na atualidade, percebemos pelos depoimentos das entrevistadas que em sua maioria aprenderam na infância, com suas mães e/ou avós, com o passar do tempo essa prática de produzir fora deixada de lado para que elas dedicassem tempo à família. Somente a partir da participação no Grupo Renovação, essas memórias foram reativadas, e a produção voltou à tona. As bonequeiras mais antigas já ensinaram a outras bonequeiras mais novas, mas elas mesmas reconhecem que as gerações de suas netas, por exemplo, não se interessam em aprender a fazer esse artesanato.

A instituição de leis que tornam algo ou alguma expressão cultural como patrimônio material ou imaterial por si só não é capaz de proteger, divulgar e estimular o ensino do saber fazer desses patrimônios. Se faz necessário que sejam utilizadas técnicas que possam garantir a salvaguarda, um processo que exigirá esforço de toda comunidade envolta a essas expressões culturais bem como incentivos por parte do poder público, não apenas em investimento financeiro como também em estruturar suas secretarias com setores e profissionais competentes que pensem sistematicamente os patrimônios e suas expressões. Talvez dessa maneira as bonecas de pano possam inclusive, vir a fortalecer a oferta turística do município, projeção ainda não concretizada.

Desejamos que essa pesquisa possa colaborar com estudos futuros que tratarão da salvaguarda do patrimônio imaterial de Nossa Senhora das Dores/SE que são as bonecas de pano, além de elementos culturais envoltos das bonequeiras e seus artesanatos, bem como outras infinitas possibilidades de pesquisas.

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, R. M. R. M.. **Memorar os Patrimônios: uma via para os desafios no contemporâneo**. Óculo-Revista do Patrimônio Cultural, v. 2, p. 82-92, 2018.

\_\_\_\_\_. **Patrimonialização das diferenças e os novos sujeitos de direito coletivo no Brasil**. In: TARDY, C. (Org.); DODEBEI, Vera (Org.). Memória e novos patrimônios. 1. ed. Marseille: OpenEdition Press, 2015. v. 1, p. 67-93, 2015.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste 1920 –1950)**. São Paulo: Intermeios, 2013.

ANDRADE, Patrícia Brunet Carvalho de. **Aglaé D'Ávila Fontes: um capítulo na história do teatro sergipano** [recurso digital] / Patricia Brunet Carvalho de Andrade. - Aracaju: Editora SEDUC, 2022.

ARAÚJO, Germana Gonçalves de. **Lampião em cena: criatividade na cultura visual do cangaço**. Aracaju: Códice 2020.

BATAILLE, G. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BARRETO, Hortência. **Organza**. Aracaju (SE): BANESE/Governo de Sergipe, 2009.

BERNARDES, Marcus. **Culturas Populares: notas históricas e epistemológicas**. disponível em: [http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401630456\\_ARQUIVO\\_ArtigoRBA\[MarcusBernardes\].pdf](http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401630456_ARQUIVO_ArtigoRBA[MarcusBernardes].pdf) acesso 30 de março de 2022.

BORGES, Adélia. **Design + Artesanato: o caminho brasileiro**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

BRASIL. DECRETO Nº 6.177, DE 1º DE AGOSTO DE 2007. **Promulga a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, assinada em Paris, em 20 de outubro de 2005**. disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2007/decreto/d6177.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2007/decreto/d6177.htm)> acesso 21 de março de 2022.

BRASIL. Decreto-Lei nº 3.551, de 4 de agosto de 2000 – **Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências**. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d3551.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm)> Acesso em: 13 de novembro. 2021.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na idade Moderna**. Companhia de Bolso, São Paulo, 2010.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo, Edusp, 1989.

CARVALHO, João Paulo Araújo de. **Nossa terra tem história**. Nossa Senhora das Dores (SE): Academia Dorense de Letras, 2019.

CARVALHO, João Paulo Araújo de. **Tecendo fios da memória**. Aracaju: Editora SEDUC, 2021.

COSTA, Jairo José Campos da. **Morena Teixeira: o fio da palavra e a tecitura da vida**. / Jairo José Campos da Costa. – Maringá/Paraná, 2019.

CUNHA, Luiz Antônio. **Ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. São Paulo/Brasília: UNESP/FLACSO, 2000.

DANTAS, Beatriz Góis. **A taieira de Sergipe -Uma dança folclórica**. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, 1972.

DANTAS, Beatriz Góis. **Rendeiras de Poço Redondo: vida e arte de mulheres que batem bilros no sertão do São Francisco**. Aracaju, Instituto Xingó, Arqueologia e Patrimônio. Centro de Documentação e Pesquisa do Baixo São Francisco, 2002. (Cadernos CENDOP 3).

DANTAS, B. G. **Rendas e rendeiras no São Francisco. Estudos e documentos sobre a renda de bilro de Poço Redondo/SE**. Paulo Afonso/BA: Editora Fonte Viva, 2006.

DANTAS, Beatriz Góis. **A renda na Cidade: história e mitos de origem in Renda Irlandesa: Instrução técnica do processo de registro do modo de fazer renda irlandesa, tendo como referência o ofício das rendeiras de Divina Pastora /SE**. IPHAN, 2009.

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. São Paulo: HUCITEC, 1978.

FONSECA, Maria Cecília Londre. **Referências culturais. Base para novas políticas de patrimônio**. In: **BRASIL.O registro do patrimônio imaterial. Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial**. Brasília: MinC, 2000

FRANÇA, Cássia Michellyne Silva de. **Bonecas de pano tradicionais no Rio Grande do Norte: contexto e obras**. 2014. 62f. Trabalho de Conclusão de Curso - (Licenciatura em Artes Visuais) – Departamento de Artes, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

FUNARI, Pedro Paulo; NOEL, Francisco Silva. **Pré-História do Brasil**. São Paulo. Editora Contexto, 2002.

Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola. **Pontos e histórias: Renda Renascença e Mulheres Rendeiras** / Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola, Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, Agência Espanhola de Cooperação Internacional. - Salvador, Bahia: IICA, 2017.

GERIBELLO, D. F. **O processo de patrimonialização no campo de atuação do IPHAN**. *Oculum Ensaios*, v. 19, e 225065, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.24220/2318-0919v19e2022a5065>. Acesso 30 de março de 2023.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. **A tradição como Pedra de Toque da Etnicidade**. Anuário Antropológico/96. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997

HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO, 2003.

HOBSBAWM, Eric. e Ranger, Terence. **A invenção das tradições**. RJ: Paz e Terra, 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Modo de fazer Renda Irlandesa, tendo como referência o ofício em Divina Pastora** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. – Brasília, DF: Iphan, 2014.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Salvaguarda de bens registrados : patrimônio cultural do Brasil : apoio e fomento** / coordenação e organização Rívia Ryker Bandeira de Alencar. – Brasília : IPHAN, 2017.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Práticas de gestão / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. – Dados eletrônicos (1 arquivo PDF). – Brasília : IPHAN, 2020.

KELLER, P. F. **O artesanato e a economia do artesanato na sociedade contemporânea**. Política & Trabalho. Revista de Ciências Sociais, n.41, out, 2014, p. 323-347.

LACERDA, Victor. **Indígena cria linha de bonecas para promover história do povo Tikuna**. Almapreta 2021. disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cultura/artes-em-prol-da-educacao-de-base-bonecas-auxiliam-na-reconstrucao-da-historia-indigena> Acesso em: 10 de março de 2022.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2003.

LEÃO, Múcio. **João Ribeiro: ensaio bibliográfico**. Publicações da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1954.

LEITE, L. S.; Alves, N. M. S. **Transformações da paisagem em Nossa Senhora das Dores-Sergipe: análise do uso das terras entre 1985 e 2018**. In Revista Brasileira de Geografia Física v.15, n.01. 2022.

Leski, I. (2020). Alguns Apontamentos Sobre o Classicismo. REVELL - REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS, 2(22/2), 143–159. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/3525> Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

LIMA, Ricardo Gomes. **Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda?** Disponível em: [http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato\\_e\\_Arte\\_Pop/CNFCP\\_Artesanato\\_Arte\\_Popular\\_Gomes\\_Lima.pdf](http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_e_Arte_Pop/CNFCP_Artesanato_Arte_Popular_Gomes_Lima.pdf) > Acesso em: 04 de maio de 2022.

LIMA, Greilson José de. **Retalhos e linhas, tecendo nossas imagens: etnografia do artesanato de bonecas de pano no sítio Riacho Fundo – Esperança - PB.** 2005. 99f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Recife, 2005A.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. **Karajá de Aruanã.** In: MOURA, Marlene Castro Ossami (org). Índios de Goiás: uma perspectiva histórico-cultural. Goiânia: Ed. da UCG, 2006. p. 135-152.

\_\_\_\_\_. **Hetohoky: um rito Karajá.** Goiânia: Editora UCG, 1994. 183 p.

LOPES, Marluce de Souza. **Interfaces de uma antropóloga : as práticas de leitura e escrita de Beatriz Góis Dantas (1941-2013).** 2020. 225 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2020.

MACHADO, Juliana Porto. **O conceito de artesanato: uma produção manual.** Missões: Revista de Ciências Humanas, v. 2, n. 2, p. 52-72, nov. 2016. Quadrimestral.

MARTINS, Saul Alves. **Contribuição ao estudo científico do artesanato.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1973.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing.** 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MORENO, Jean Carlos. **Revisitando o conceito de identidade nacional.** In: RODRIGUES C. C. et al. Identidades brasileiras: composições e recomposições. São Paulo: Editora Unesp/Cultura Acadêmica, 2014.

MONTEIRO, Risia Rodrigues Silva. **Os saberes e fazeres de Aglaé D'Ávila Fontes: uma educadora e mediadora cultural sergipana (1955-2005)** / Risia Rodrigues Silva Monteiro; orientador Joaquim Tavares da Conceição. São Cristóvão, SE, 2021.

NOSSA SENHORA DAS DORES. **LEI MUNICIPAL Nº 326, de 23 de março de 2018.** Declara como Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Nossa Senhora das Dores/SE Bonecas-de-Pano, e dá outras providências. Disponível em: <<https://nossasenhoradasdores.se.gov.br/sites/nossasenhoradasdores.se.gov.br/files/Lei%20n%C2%BA%20326-2018.pdf>>. Acesso em 10 janeiro de 2021.

NOSSA SENHORA DAS DORES. **LEI MUNICIPAL Nº 170 de 22 de outubro de 2010.** Retifica o título de Feriado Municipal de 23 de outubro e dá outras providências. Disponível em <<https://nossasenhoradasdores.se.gov.br/sites/nossasenhoradasdores.se.gov.br/files/Lei%20n%C2%BA%20170-2010.pdf>>. Acesso em 05 janeiro de 2021.

OLIVEIRA, Eliana Dias Ferreira. **Ponteiros da memória : educação patrimonial do ensino de história em Sergipe.** 2020. 492 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2020.

OLIVEIRA, Madson Luis Gomes de. **Bordado como assinatura: tradição e inovação do artesanato na comunidade de Barateiro – Itapajé/CE** / Madson Luis Gomes de Oliveira; orientadora: Denise B. Portinari. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Artes e Design, 2006.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1986.

PAULINO, Thiago. **Culturas populares: trajetórias conceituais e construções de sentido**. Revista Ambivalências, v.3, n.6, 2015.

PAZ, Octavio. **Ver e usar: arte e artesanato. Convergências: ensaios sobre arte e literatura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

PERNAMBUCO. Movimento de Cultura Popular. **Estatuto do Movimento de Cultura Popular**. Recife, 1960.

MONTEIRO, Risia Rodrigues Silva. **Os saberes e fazeres de Aglaé D'Ávila Fontes: uma educadora e mediadora cultural sergipana (1955-2005)** / Risia Rodrigues Silva Monteiro; orientador Joaquim Tavares da Conceição. São Cristóvão, SE, 2021.

RODRIGUES, Patrícia de Mendonça. **A caminhada de Tanyxiwè: uma teoria Javaé da História**. 2008. 933 f. Tese (Doutorado em Filosofia - PhD) - Departamento de Antropologia da Divisão de Ciências Sociais da Universidade de Chicago, Chicago, Illinois.

\_\_\_\_\_. **O povo do Meio: tempo, cosmo e gênero entre os Javaé da ilha do Bananal**. 1993. 438 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Departamento de Antropologia - Universidade de Brasília, Brasília.

ROMERO, Sílvio. **Contos populares do Brasil**. Lisboa: Ed. Landy, 1883-Acervo Brasileira Digital/USP

ROMERO, Sílvio. **Contos populares do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Landy Editora, 2008.

ROSSI, Lia Mônica. **Design e artesanato no Nordeste: sustentabilidade e verbos criativos**. In: OLIVEIRA, Alfredo Jefferson de; FRANZATO, Carlos; DEL GAUDIO, Chiara. (São Paulo - SP) (org.). *Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil*. São Paulo: Blucher, p. 243-260, 2017.

SANTOS, Crislaine Ferreira. **Terezinha das Dores** / Cris Ferreira-Infographics, 2013.

SERAFIM, Elisa Feltran; CAVALCANTI, Virgínia; FERNANDES, Dulce Maria Paiva. **DESIGN E ARTESANATO NO BRASIL: reflexões sobre modelos de atuação dodesign junto a grupos de produção artesanal**. Mix Sustentável, [S.L.], v. 1, n. 2, 11 p.86-93, nov. 2015.

SEVERO, Cristine Zirbes. **DO FOLCLORE À FICÇÃO: SILVIO ROMERO E SIMÕES LOPES NETO** / Cristine Zirbes Severo. -- 2013.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. **Sílvio Romero: hermeneuta do Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005.

SILVA, Decilene Maria Santos Mendes da. **As bonequinhas da sorte de Gravatá-PE, no contexto do processo folkcomunicação e do desenvolvimento local**. 2011. 134 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

SOUSA, Roselne Santarosa de. **Descobrimdo o lugar da boneca de pano na cultura lúdica brasileira.** In: Encontro da ABRAPSO, XV, 2009, Maceió. Anais do XV Encontro da ABRAPSO. Maceió: UFSJ, 2009. p.1 – p.9

SOUZA, Matheus Tavares. **Análise historiográfica da obra “Vovó Nagô e Papai Branco” da autora Beatriz Góis Dantas.** 2019. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

TOLENTINO, A. B. **Educação patrimonial decolonial: perspectivas e entraves nas práticas de patrimonialização federal.** Sillogés, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 41-69, 2018.

TURIN, Rodrigo. **O “selvagem” entre dois tempos: a escrita etnográfica de Couto de Magalhães.** VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, v.28, no 48, p.781-803: jul/dez 2012.

VANNUCCHI, A. **Cultura brasileira: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 1999.

VILHENA, Luis Rodolfo. **Projeto e Missão. O Movimento Folclórico Brasileiro, 1947-1964.** Rio de Janeiro: Funarte/ Fundação Getúlio Vargas, 1997.

## ANEXOS

sexta-feira, 6 de abril de 2018

7 - Ano I - Nº 1170

DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOSSA SENHORA DAS DORES

### LEI



**ESTADO DE SERGIPE  
MUNICÍPIO DE NOSSA SENHORA DAS DORES  
GABINETE DO PREFEITO**

**LEI Nº 326/2018  
DE 23 DE MARÇO DE 2018.**

Declara como Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Nossa Senhora das Dores/SE, **Bonecas-de-Pano**, e dá outras providências”.

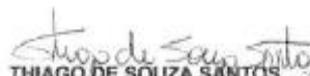
O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE NOSSA SENHORA DAS DORES, ESTADO DE SERGIPE, no uso de suas atribuições, conferidas pela Lei Orgânica Municipal, faz saber que a Câmara Municipal de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

**Art. 1º** - Fica declarada como Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Nossa Senhora das Dores/SE, **BONECAS-DE-PANO**.

**Art. 2º** - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

**Art. 3º** - Revogadas as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito Municipal de Nossa Senhora das Dores, Estado de Sergipe, em 23 de março de 2018.

  
**THIAGO DE SOUZA SANTOS**  
Prefeito Municipal

## APÊNDICE A

REGISTROS FOTOGRÁFICOS REALIZADOS DURANTE A PESQUISA.



Casal caipira produzido por Dona Fernanda para representar os festejos juninos. Foto feita pelo autor em visita a galeria de artes do então departamento de cultura em 2021.



Bonecas de pano produzidas totalmente na mão (sem uso de máquinas de costura) por dona Lourdes.



Dona Corina, mostrando o processo de criação de uma boneca de pano.



Dona Jacira, e sua cesta de bonecas.



Ari Pereira agente cultural, Dona Jacira e Ibernnon.



Boneca de pano representando os penitentes, boneca de pano representando as beatas do madeiro e boneco de pano representando os capoeiristas.



Dona Ivalda Mostrando suas produções de bonecas e bonecos.



Acompanhado de Ari Pereira na entrevista ao Secretário João Lima.



Dona Hosanira mostrando o molde que ela fez durante nossa entrevista e mostrando sua produção de bonecas de pano.



Acompanhado de Ari Pereira na entrevista a Secretária Municipal de Educação Anabel Santos



Acompanhado de Daniella Pereira na entrevista a Dona Corina.



Acompanhado de Helena, Daniela Pereira, Ari Pereira nas entrevistas ao Ex-vereador (professor Vado) , proponente da lei e ao Secretário Municipal de Cultura (Walmir).



Acompanhado de Helena, Daniella Pereira, Ari Pereira, Elisângela Souza.



Café e entrevista com a artista dorense Hortência Barreto.

## APÊNDICE B

### Instrumento de coleta de dados I

Roteiro de entrevista ao Srº Ex-Vereador José Erivaldo de Oliveira (Professor Vado) proponente do Projeto de Lei Nº 009/2018, de 26 de fevereiro de 2018, que "Declara como Patrimônio Imaterial do Município de Nossa Senhora das Dores/SE, Bonecas-de-Pano, e dá outras providências".

OBJETIVO ESPECÍFICO	PERGUNTA PARA ATENDER
Refletir sobre a relevância da produção artesanal das bonecas de pano como relevante para o fortalecimento da cultura popular local;	<p>Considera que a população dorense reconhece as bonecas de pano como seu patrimônio?</p> <p><b>Em caso afirmativo</b></p> <p>Por favor, detalhe a sua resposta enfatizando como essa apropriação dos moradores pode ser percebida/traduzida</p>
Investigar de que forma ocorre a transmissão do saber das bonequeiras e quais usos e funções são atribuídas às bonecas de pano na atualidade	<p>Como surgiu a ideia de tornar as bonecas de pano, patrimônio imaterial do município de Nossa Senhoras das Dores?</p> <p>Foram feitos estudos organizados em dossiê ou algum tipo de consulta pública local que justificasse a propositura do Projeto?</p> <p>Por favor, detalhe o passo a passo que culminou com a proposição da lei.</p>
Apontar estratégias de salvaguarda capazes de estimular a apropriação e o vínculo dos moradores com este artesanato	<p>Foram previstas medidas para salvaguardar as bonecas de pano como patrimônio imaterial do município? P.ex: ações de identificação,</p>

<p>alçado à condição de patrimônio imaterial de Nossa Senhora das Dores.</p>	<p>reconhecimento, transmissão, apoio e fomento a bens culturais imateriais?</p>
	<p>Após o projeto ser aprovado (tornou-se lei municipal) ao seu ver, quais atitudes se deve esperar dos gestores públicos para que essa manifestação do município se mantenha viva?</p> <p>Qual foi a sua intenção com a proposição do Projeto de Lei Nº 009/2018, de 26 de fevereiro de 2018, que "Declara como Patrimônio Imaterial do Município de Nossa Senhora das Dores/SE as Bonecas de Pano?</p> <p>6.1 Ela se concretizou, ao seu ver?</p> <p>6.2 Se não se concretizou, teria sugestões a dar para a sua concretização?</p>

## APÊNDICE C

Roteiro de entrevista com as bonequeiras do município de Nossa Senhora das Dores/SE.

OBJETIVO ESPECÍFICO	PERGUNTA PARA ATENDER
Tornar-se Bonequeira	<p>Como e quando a senhora aprendeu a fazer bonecas?</p> <p>Quem te ensinou a confeccionar?</p> <p>A senhora já ensinou a alguém a confeccionar uma boneca?</p> <p>Qual a sua inspiração quando vai confeccionar uma boneca?</p>
Usos das Bonecas	<p>Você confecciona bonecas com qual finalidade?</p> <p>Acredita que as pessoas que compram as bonecas as utilizam de qual forma? (como brinquedo ou enfeite).</p> <p>Você costuma aceitar encomendas?</p> <p>Onde são vendidas as bonecas de pano que você confecciona?</p> <p>Quanto a sua produção, em média, quantas bonecas consegue produzir por semana?</p> <p>Você divulga suas bonecas nas sociais (Facebook, Instagram)?</p> <p>Você acredita que a população valoriza as bonecas de pano? Fale um pouco sobre isso.</p>
Refletir sobre a relevância da produção artesanal das bonecas de pano como	As bonecas de pano foram patrimonializadas em 2018 por lei municipal, o(a) senhor(a) sabia dessa informação?

<p>relevante para o fortalecimento da cultura popular local;</p>	<p>O(a) Senhor(a) acredita que a patrimonialização das bonecas de pano foi um “evento” importante para a cultura do município?</p> <p>O que mudou após as bonecas virarem patrimônio?</p> <p>Quando você vai produzir uma boneca como você a imagina?</p> <p>Pode-se dizer que existe uma identidade própria nas bonecas produzidas por você?</p>
<p>Investigar de que forma ocorre a transmissão do saber das bonequeiras e quais usos e funções são atribuídas às bonecas de pano na atualidade;</p>	<p>Porque uma pessoa compra uma boneca sua? (lembrar do passado ou para presentear a alguma criança?)</p> <p>Durante o período de tramitação da lei na câmara de vereadores, algum dos vereadores consultou a senhora a respeito do modo de fazer as bonecas de pano?</p> <p>O que é preciso pra ser uma boa bonequeira?</p>
<p>Apontar estratégias de salvaguarda capazes de estimular a apropriação e o vínculo dos moradores com este artesanato alçado à condição de patrimônio imaterial de Nossa Senhora das Dores.</p>	<p>Há ações de incentivo e ensino da prática de fazer bonecas para a população?</p> <p>Existe alguma ação das bonequeiras para perpetuar o saber fazer das bonecas?</p> <p>Existe alguma ação das secretarias municipais (Educação e Cultura) para perpetuar o saber fazer das bonecas?</p> <p>Na sua opinião, o que deveria ser feito para divulgar e tornar as bonecas de pano um patrimônio do município, de fato?</p>

## APÊNDICE D

### Instrumento de coleta de dados III

OBJETIVO ESPECÍFICO	PERGUNTA PARA ATENDER (a quem vai dirigir estas perguntas?)
<p>Apontar estratégias de salvaguarda capazes de estimular a apropriação e o vínculo dos moradores com este artesanato alçado à condição de patrimônio imaterial de Nossa Senhora das Dores.</p>	<p>Qual a estrutura da secretaria? Existe algum setor ou diretoria que cuida dos patrimônios culturais municipais?</p> <p>Considerando que as bonecas de pano são um patrimônio imaterial do município, quais políticas públicas municipais estão sendo pensadas e/ou que já existem para perpetuar o saber fazer das bonecas de pano?</p> <p>Existem ações de incentivo e ensino da prática de fazer bonecas para a população?</p> <p>Há destinação de recurso municipal específico para a cultura popular e os patrimônios imateriais? Em caso afirmativo, como são aplicados esses recursos?</p> <p>Já aconteceu alguma estratégia de ação da Sec de Cultura / Sec de Educação para perpetuar o saber fazer das bonecas? Se sim, cite-as.</p> <p>Há parceria entre a Sec de Cultura e a Sec de Educação para propor estratégias de Salvaguarda?</p>

## APÊNDICE E

### TCLE – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (COMUNIDADES)

Prezado(a) Respondente

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa Pesquisa de Mestrado "PATRIMONIALIZAÇÃO E POSSIBILIDADES DE SALVAGUARDA DAS BONECAS DE PANO DE NOSSA SENHORA DAS DORES/SE" sob a responsabilidade do mestrando Ibernon Alves de Macena Junior e orientação do Prof. Dr<sup>a</sup> Daniella Pereira de Souza Silva, vinculados ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Culturas Populares (PPGCULT) da Universidade Federal de Sergipe.

O objetivo da pesquisa foi investigar qual a relevância das bonecas de pano de Nossa Senhora das Dores na valorização da cultura popular local..

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder uma entrevista de perguntas abertas e fechadas com duração média de resposta inferior a 60 minutos. Haverá registro de áudio, de vídeo ou de imagem.

O(a) Sr.(a). tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Esta pesquisa pode apresentar riscos como cansaço, aborrecimento ou desconforto ao prestar as informações. Todavia, buscamos minimizar esses riscos e reiteramos que os resultados obtidos serão publicados de forma anônima, bem como garantimos o sigilo absoluto dos dados coletados e dos seus dados pessoais (nome, telefone e e-mail) para que não sejam divulgados sob hipótese alguma.

Este termo também estará disponível para baixar e você pode tirar dúvidas sobre o projeto e sua participação a qualquer momento realizando contato com o pesquisador responsável ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº Bairro: Sanatório – Aracaju CEP: 49.060-110 – SE Contato por e-mail: [cep@academico.ufs.br](mailto:cep@academico.ufs.br) Telefone e horários para contato: (79) 3194-7208 – Segunda a Sexta-feira das 07 às 12h.

Nestes termos, agradecemos sua colaboração.

Ibernon Alves de Macena Junior  
Mestrando em Culturas Populares  
E-mail: [ibmacena@academico.ufs.br](mailto:ibmacena@academico.ufs.br)

Daniella Pereira de Souza Silva  
Professora Orientadora do PPGCULT/UFS  
E-mail: [daniellageo@academico.ufs.br](mailto:daniellageo@academico.ufs.br)

Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Em Culturas Populares (PPGCULT) da Universidade Federal de Sergipe. Telefone: (79) 3194-6376; e-mail: [ppgcultufs@gmail.com](mailto:ppgcultufs@gmail.com)

Confirmo o interesse em participar da pesquisa, preenchendo os campos abaixo:

Eu, \_\_\_\_\_,  
CPF \_\_\_\_\_, tenho mais de 18 anos, estou ciente dos termos da minha participação, e concordo em participar desta pesquisa.